



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

Victor Augusto Nascimento Pennington

A Louca História de Andrade Jr.: da Ideia às Telas.

Brasília, Junho de 2015.



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

Victor Augusto Nascimento Pennington

A Louca História de Andrade Jr.: Da ideia às Telas.

Filme curta-metragem apresentado como requisito para obtenção do grau de Bacharel no curso de Comunicação Social, habilitação de Jornalismo pela Faculdade de Comunicação Social da Universidade de Brasília.

Orientador: Professor Carlos Henrique Novis.

Brasília, Junho de 2015.

Dedico este trabalho à meus pais: David Rodney Lionel Pennington e Gleusa Gladys Silva do Nascimento, fantásticos guias por esta maravilhosa jornada.

Agradecimentos:

Este trabalho não seria possível se não fosse a colaboração das seguintes pessoas, às quais devo profundos agradecimentos:

Aos Professores:

Armando Bulcão – Por seus ensinamentos nas áreas técnicas de projeto e filosofia.
 Carlos Eduardo Esch – Devo-lhe os aprendizados de fala.
 Carlos Henrique Novis – Por socorrer-me na difícil tarefa de orientar este trabalho
 Dacia Ibia Pina da Silva – Por gentilmente aceitar participar da banca avaliadora
 Dione Moura – Por me ensinar a ter paciência. (e por ter tido muita paciência comigo)
 Duda Bentes – Pelas primeiras instruções formais de fotografia (e solução de várias dúvidas)
 Érica Bauer – Ao acolher este trabalho para sua avaliação.
 Gabriela Freitas – Ao me ensinar a ver o mundo em formas
 Gustavo de Castro – Ao me mostrar todo um novo lado da poesia.
 Hélio Doyle – Pelos aprendizados de profissionalismo
 Liziane Guazina – Pelos ensinamentos de leitura dos meios de comunicação.
 Luiz Martino – Pelos ensinamentos das teorias da Comunicação.
 Luiz Martins – Pelas aulas de ética.
 Márcia Marques – Pela garra ao ensinar o ofício do jornalista.
 Letícia Renault – Ao ensinamentos práticos de telejornalismo.
 Paulo Paniago – Pelo exemplo de paixão pela escrita.
 Solano Nascimento – Por me ensinar a escrever.
 Susana Dobal – Pela vasta exposição de fotografia à qual me submeteu.
 Tânia Siqueira Montoro – Pelas suas palavras sempre precisas e valiosas.
 Thais Mendonça Jorge – Pelas várias dicas práticas sobre o ofício de jornalista
 Zélia Leal Adghirni – Pelos conselhos internacionais.

Aos profissionais da secretaria da faculdade de comunicação, sempre muito prestativos: Ivoneite, Edielton, Cristiane e Rogério.

Aos profissionais técnicos da Faculdade de Comunicação: Daniel e Agilberto, que sempre foram imensamente prestativos.

Ao porteiro Eudes Isaías, por seu imenso companheirismo.

Aos amigos:

Amanda Devulsky, Akira Martins, Breno Nina, Clara Maruska, Elias Guerra, Eliza Arquileu, Francisco Nascimento, Henrique Vieira, Ig Uractan, Ivan Viana, Jefferson Silva, João Caffarelli, Jorge Bodanzky, Jorge Pennington, Laryssa Barreto, Lucas Gesser, Pedro Beiler, Lucas Kato Feliz, Márcia Bodanzky, Márcio Garapa, Márcio Miranda, Marcos Carolino, Matheus Pinto, Pedro Paulo Fonseca, Renan Montenegro, Tay Prata, Viça Saraiva, Ziraldo dos Santos.

Por suas benéficas contribuições na minha vida.

“Antes ame a arte em você do que você na arte”
Constantin Stanislavski

Resumo:

Esta memória aborda os vários aspectos da realização do curta-metragem biográfico *A Louca História De Andrade Jr.*, desde a ideia inicial até sua exibição na abertura do 3º Festival Curta Brasília, que homenageou Argemiro de Andrade Júnior, protagonista do filme. A Narrativa tem como temática a vida deste ator de teatro e cinema candango cuja trajetória perpassou por toda uma variedade de profissões, peças, filmes e personagens, bem como demonstrar sua imensa simpatia e capacidade de fazer amigos. A produção do filme contou com o patrocínio do Fundo de Apoio à Cultura do Governo do Distrito Federal - FAC-DF.

Palavras Chaves – Andrade Júnior, Biografia, Documentário, Ator/Brasília, Cerrado.

This paper approach many aspects of the biographic short film *A Louca História de Andrade Jr. (The Crazy Story of Andrade Jr.)*, from the original idea to its exhibition at the opening of the 3º Festival Curta Brasília (3th Short Festival of Brasília), witch honored *Argemiro de Andrade Júnior*, the main character of the film. The narrative main theme is the life of this Brazilian theater and movie actor whose career went through all sorts of professions, plays, movies and characters, as well as it shows his huge empathy and high skills making new friends. The production of the film was financially supported by the Fundo de Apoio à Cultura do Governo do Distrito Federal – FAC-DF (Culture Support Fund of the Federal District Government).

Sumário

1	Introdução.....	9
2	Referencial Teórico.....	11
2.1	Biografia.	11
2.2	O Filme Documentário.	12
2.3	A construção da personagem.	13
2.4	Referências audiovisuais.....	14
3	O Início de Tudo.	15
3.1	Preparando o terreno para uma oportunidade.	15
3.2	O Tempo do Cinema.....	19
3.3	A Base Acadêmica.....	20
4	Desenvolvimento ou pré-produção?.....	21
4.1	O Personagem Andrade	21
4.2	Sobre qual Andrade é o Filme?.....	22
4.3	As imagens de arquivo: uma filha valiosa.	23
5	Financiamento.	25
5.1	A importância do projeto	26
5.2	O FAC.....	26
5.2.1	Escrevendo para ser lido.	27
5.2.2	A Aposta	27
6	O personagem e a narrativa.....	29
6.1	O Argumento.	29
6.2	Escolha dos temas	30
6.3	A fortuna e a família	30
6.4	O Título e a Loucura	31
6.5	A Atuação do Andrade.....	31

6.6	A fala que não gravamos.....	34
6.7	Narrativa	35
7	A Filmagem (Gravações):	36
7.1	Produção.	36
7.1.1	O Conhecimento Técnico.	36
7.2	A Direção.....	37
7.2.1	Entrevistas.....	37
7.2.2	O terceiro Diretor.....	38
7.3	A Fotografia	38
7.3.1	O Enquadramento.	38
7.3.2	A Luz	39
7.4	O Som.	40
8	Pós-Produção.....	41
8.1	A Edição.....	41
8.2	A Mixagem	42
8.3	A Finalização	43
8.4	A Distribuição.....	43
9	Conclusão.....	44
10	Bibliografia.....	45
11	Anexos.	46
11.1	Anexo A – Argumento Do Projeto.....	46
11.2	Anexo B – Curriculum dos Diretores:.....	60
11.3	Anexo C – Formulário de Inscrição do projeto.....	69

1 Introdução.

O cenário de produção audiovisual no Brasil tem se mostrado frutífero nos últimos anos. Seja pelo acesso facilitado aos meios de produção, ou pelas leis de incentivo à produção local e nacional, o número de filmes realizados tem aumentado significativamente nas duas últimas décadas. Segundo a ANCINE¹, Agência Nacional de Cinema, em 1995 foram lançados² 14 filmes brasileiros, e em 2014 o número subiu para 114 (aumento de 800%).

Apesar da maioria dos filmes lançados comercialmente em 2014 serem da categoria de ficção (cerca de 70%) é importante perceber uma presença maior dos gêneros de não-ficção na vida cotidiana do brasileiro. Perante as várias manifestações populares que ocorreram desde o ano passado, é possível observar que canais de notícias como a TV Folha³, publicam vídeos com caráter informativo mais próximos do gênero documentário do que o gênero jornalístico – havendo sentido buscar uma distinção entre eles (inclusive será lançado o filme *Junho* de João Wainer, o primeiro documentário produzido pela Folha). Em viagem à São Paulo, pude observar em uma das manifestações de rua, vários cidadãos com celular em punho filmando e descrevendo (com uma espécie de *voice over*) o fato noticioso que lhes chamavam a atenção. Esses esforços de registro com o intuito de publicação em redes sociais o que cada um julga ter valor notícia é um indício da mudança de percepção do uso da ferramenta audiovisual. Outro índice de valorização do gênero documentário são as demonstrações de apoio nos financiamentos colaborativos. O longa-metragem *Belo Monte – Anúncio de uma Guerra* dirigido por André D’Elia, conseguiu por meio do portal eletrônico *Catarse*⁴, doações de mais de cento e dez mil reais para sua produção.

Ao perceber a importância crescente deste gênero na vida cotidiana faz-se imprescindível valorizar as teorias e métodos de construção fílmica do documentário. É instrumentalizar um meio de comunicação cada vez mais simbiótico na sociedade.

¹ Dados disponíveis em http://oca.ancine.gov.br/filmes_bilheterias.htm (acessado em 25 de maio de 2015 às 22h00)

² Estes dados referem-se à obras longa-metragem lançadas comercialmente em salas de exibição.

³ A TV Folha é pertencente ao grupo Folha de São-Paulo, que possui um canal no endereço eletrônico *youtube* onde posta montagens de vídeos sobre eventos noticiosos e também reportagens.

⁴ Dados disponíveis em <https://www.catarse.me/pt/projects/459-belo-monte-anuncio-de-uma-guerra> (acessado em 25 de maio de 2015 às 22h30)

O projeto *A Louca História de Andrade Jr.* enquadra-se nessa ascensão do gênero. Brincando com a narrativa, expondo uma personagem que vale a pena ser vista, ao mesmo tempo apresentando uma jornada de vida, jogando com o final da estrada, como disse Michael:

“To be successful, your documentary must have engaging characters, narrative tension, and something to say about the human condition⁵” (Rabiger 2009),

o projeto contempla ressonâncias teóricas necessárias para dialogar com o interesse público.

O filme é a história da personagem que o Argemiro de Andrade Júnior criou para caminhar por esse mundo durante todos os seus anos de vida. Suas profissões, seus amigos, sua maneira muito especial de ser. E esta monografia é o relato de como este documentário foi construído.

Há um esforço no sentido de clarificar todas as etapas desse processo: a primeira ideia, transformando-se em um projeto com suas características fundamentais; a conquista de um financiamento público para o projeto; as escolhas técnicas na fase de produção; as dificuldades durante a fase da pós-produção, especialmente a edição; as características da finalização; o trabalho da equipe no bem sucedido lançamento; e por fim as aspirações acerca da distribuição do filme.

A caminhada da realização de um filme, na minha opinião, sempre foi um caminho sacro, divertido e extremamente trabalhoso; e com o projeto *A Louca História de Andrade Jr.* não foi diferente. Cada etapa do processo de desenvolvimento deste filme contou com meu esforço, a presença dos amigos e colaboradores gerando um valoroso aprendizado de trabalho coletivo.

⁵ “Para ser bem sucedido, seu documentário precisa ter personagens envolventes, tensão narrativa e algo a dizer sobre a condição humana.”

2 Referencial Teórico.

O processo de elaboração deste trabalho passou por estudos delimitados dentro da construção da proposta: um documentário biográfico de um ator. Trata-se de um projeto cujas áreas de estudo estão nos campos da biografia, documentário e narrativa.

2.1 Biografia.

Primeiramente é preciso estabelecer o que é uma biografia. Neste sentido, Sérgio Vilas Boas(2008) busca definições de alguns estudiosos da arte biográfica escrita que é, em resumo, a descrição da vida de um indivíduo ao longo do tempo. Posteriormente, Boas propõe uma solução que pôde ser aplicada às outras formas de comunicação como o meio audiovisual, foco deste projeto:

DIFERENTEMENTE DA METODOLOGIA das Histórias de Vida, muito empregada nas Humanidades, e visa ao coletivo, sem constituírem um “Gênero literário”, as biografias enfocam, primordialmente, um indivíduo. O objetivo de uma biografia, segundo Sidney Lee, é a revelação de uma personalidade única. Os biógrafos, então, há muito têm procurado reconstituir a vida de seus personagens reais de acordo com uma cronologia e um trajeto organizados (Vilas Boas 2008, 24);

Em meu livro “*Biografias & biógrafos*” abordei aspectos básicos da arte de biografar e afirmei que “biografia é o biografado segundo o biógrafo”. Para não me precipitar, admiti que biografia é um gênero literário de não-ficção; e sublinhei que um exame histórico detalhado talvez apontasse um estilo de época também para a biografia: romântica, naturalista, moderna, pós-moderna etc. Mais: a narração biográfica promove um intercâmbio de saberes diversos (Vilas Boas 2008, 20);

Meu *feeling*, até o momento, é o de que biografia é a vida de uma pessoa (acima de tudo) narrada com arte por outra pessoa. Incluo o “acima de

tudo” porque há muitas obras de caráter biográfico em que a bio é a parcela menos importante (Vilas Boas 2008, 22).

Essa última proposta de definição de narração em forma de arte omite a relação cronológica apresentada por Sidney Lee apud Boas (2008). Esta diferença foi importante conceitualmente para o trabalho, pois conforme explicitado no capítulo 6.1 O Argumento, deste trabalho, a história que se conta no filme é uma biografia e, apesar de se iniciar de forma cronológica, ela abandona o sentido uniforme temporal de narrativa durante o desenvolvimento para dar lugar à uma caracterização artística do biografado.

A falta de linearidade intencionada e rompimento do padrão “normal” de como contar a biografia foi uma reflexão também trabalhada por Vilas Boas:

Autores de resenhas, críticas, prefácios e posfácios em geral se atêm ao personagem biografado e como ele viveu, às informações reveladoras, às vezes até sensacionalistas sobre o sujeito, suas obras, seus familiares e seus amigos e inimigos. Persiste a crença de que o biógrafo sobrevive pelo que revela, não pelo modo como revela. O mais importante, sempre, é o biografado, em geral uma personalidade mais ou menos conhecida e sobre a qual se supõe coisas. (Vilas Boas 2008, 19)

Nesse sentido, a forma narrativa será preponderante na maneira com a qual revelará o biografado.

2.2 O Filme Documentário.

Em segundo lugar, é imperativo posicionar o filme dentro de seu estilo e gênero. Fernão Pessoa Ramos, em sua obra *Mas Afinal... O Que É Mesmo Documentário*, faz uma reflexão sobre esse gênero fílmico.

Podemos mesmo dizer que o documentário aparece quando descobre a potencialidade de singularizar personagens que corporificam as asserções sobre o mundo. Se a narrativa ficcional se utiliza basicamente de atores para encarnar personagens, a narrativa documentária prefere trabalhar os próprios corpos que encarnam as personalidades no mundo, ou utiliza-se de pessoas que experimentaram de modo próximo o universo mostrado. (Ramos 2008, 23)

Nestes termos, Ramos propõe o modo de asserções dialógicas local onde podemos encontrar grande parte do estilo estabelecido no projeto:

A partir dos anos 1960, com o aparecimento da estilística do cinema direto/verdade, o documentário mais autoral passa a enunciar por asserções dialógicas. Assemelha-se, então, ao modo dramático, com argumentos sendo expostos na forma de diálogos. O Mundo parece poder falar por si, e a fala do mundo, a fala das pessoas, é predominantemente dialógica. A tendência mais participativa do cinema direto/verdade introduz no documentário uma nova maneira de enunciar: a entrevista ou o depoimento. As asserções continuam dialógicas, mas são provocadas pelo cineasta. (Ramos 2008, 22)

Dessa forma, a construção da narrativa do projeto é feita dialogicamente, isto é, por meio dos diálogos dos entrevistados.

2.3 A construção da personagem.

Uma característica interessante que podemos agregar à história nesse sentido são as colocações feitas pelas personagens interpretadas por Andrade a partir dos materiais de arquivo. Apresentados em um novo contexto criado pela montagem, estas personagens dialogam com o homem que os criou o que mostra uma certa ironia dramática. Esse é um jogo com a caracterização exterior do Argemiro de Andrade Jr.: o ator que povoou as telas e palcos de teatros com várias personagens que tocaram e exprimiram opiniões acerca de seus universos agora recebe, dessas mesmas personagens, opiniões em uma curiosa inversão de papéis. Se basearmos a caracterização exterior do indivíduo como cita Constantin (2009), agora é a fantasia dos diretores que caracterizará o interior do ator.

- Cada indivíduo desenvolve uma caracterização exterior a partir de si mesmo e de outros; tirando-a da vida real ou imaginária conforme sua intuição, e observando a si mesmo e aos outros. Tirando-a da sua própria experiência da vida ou da de romances, ou de algum simples incidente, tanto faz. A única condição é não perder seu eu interior enquanto estiver fazendo essa pesquisa exterior. (Stanislavski 2009, 32)

O que temos aqui é o processo reverso, construído artificialmente pelos esforços de direção e montagem. Da mesma maneira que Kóstia⁶ constrói o Crítico, personagem de sua consciência, nós construímos os vários críticos e comentadores do Andrade.

2.4 Referências audiovisuais

As referências audiovisuais que serviram de base para a estruturação do argumento e da narrativa são variadas. A artimanha dos comentários realizados por um ator enquanto personagem sobre o ator pessoa, pôde ser visto no programa da Rede Globo *VideoShow*⁷.

A empresa CAZA FILMES, produtora audiovisual localizada em Brasília, possui duas outras obras de documentário biográfico cujas experiências de produção e o resultado delas foram de grande contribuição para todos os aspectos do projeto *A Louca História de Andrade Jr.: Zé do Pedal: acima da terra e abaixo do céu* dirigido por Márcio Garapa e Viça Saraiva e *Raul de Xangô* direção de Érico Cazarré, Henrique Siqueira e Marieta Cazarré.

Dentre obras de outros cineastas, destaca-se *Santiago: uma reflexão sobre o material bruto*⁸ de João Sales, cujos questionamentos acerca do fazer cinematográfico alicerçou respostas durante o curso deste projeto; e *Terceiro Milênio*⁹ de Jorge Bodanzky e Wolf Gauer, onde a jornada de um visionário que beira a loucura nos faz refletir a respeito da condição humana.

Outras obras influenciaram este projeto de forma indireta. Entre elas: *Ilha das Flores*¹⁰ de Jorge Furtado (1989), com sua edição dinâmica e inspiradora; *Nanook do Norte*¹¹ de Robert Flaherty (1922) em sua forma de lidar com o herói protagonista nos primórdios da arte; *Edifício Master*¹² de Eduardo Coutinho (2002), da maneira que lida com a diversidade de personagens; *Tiros em Columbine*¹³ de Michael Moore (2002) como uma referência de narrativa.

⁶ Aluno que escreve em primeira pessoa no livro *A Construção da Personagem* de Constantin Stanislavski (ver bibliografia).

⁷ O programa *video-show* foi lançado em 1983 e continua sendo veiculado até a presente data.

⁸ SANTIAGO. Direção: Santiago Moreira Salles, São Paulo, Brasil, Produtora: VIDEOFILMES PRODUÇÕES ARTÍSTICA LTDA, 2006. Documentário (79 min).

⁹ Terceiro Milênio. Direção: Jorge Bodanzky e Wolf Gauer, São Paulo, Brasil, Produtora: STOPFILM LTDA, 1981. Documentário (86 min).

¹⁰ Ilha das Flores. Direção: Jorge Furtado, Brasil, Produtora: GILBERTO JOSÉ PIRES DE ASSIS BRASIL, 1989, Ficção (13 min).

¹¹ *Nanook of the north*. Direção: Robert j. Flaherty, USA, Produtoras: Les Frères Revillon e Pathé Exchange, 1922, Documentário (79 min).

¹² *Edifício Master*. Direção: Eduardo Coutinho, Brasil. Produtora: VIDEOFILMES PRODUÇÕES ARTÍSTICA LTDA, 2002, Documentário (110 min)

¹³ *Bowling for Columbine*. Direção: Michael Moore, USA. Produtora: Alliance Atlantis Communications, 2002, Documentário (120 min).

3 O Início de Tudo.

No segundo semestre de 2012, um produtor cinematográfico em ascensão na cidade me ligou. Pediu-me para que fosse à sede de sua empresa, no Lago Norte, bairro de Brasília, para fazer-me um convite. Eu cursava o sexto semestre de Comunicação Social na Universidade de Brasília e como já havia trabalhado em alguns filmes nas funções de Técnico de Som Direto e Diretor de Fotografia além de ter realizado trabalhos de edição não linear no canal universitário UnBTV, acreditei que o convite seria mais um trabalho *freelancer*.

Ao chegar na CAZA Filmes, localizada na época em uma sala comercial no segundo andar do shopping Deck Norte, encontrei-me com seu diretor, Érico Cazarré, ex-aluno do curso de audiovisual da UnB, com expressiva produção no mercado brasiliense. Me fez uma excelente e frutífera proposta: dividir a direção e a realização do documentário curta-metragem biográfico do ator Argemiro de Andrade Júnior.

Fiquei animado com a proposta, e percebi a grande oportunidade que havia se colocado à minha frente. Seria o meu primeiro trabalho de direção, junto à um cineasta experiente, cujo tema era do meu inteiro agrado.

3.1 Preparando o terreno para uma oportunidade.

Por alguns meses, e até hoje, me perguntei o porquê desse convite. Érico, em comparação à mim, possuía estrutura e capacidade técnica de sobra para tocar o projeto individualmente. Quando indaguei-o sobre isso, ele me respondeu que já havia um considerável tempo que ele queria realizar esse projeto, mas tinha dificuldades em encontrar tempo para encaminhá-lo, ele disse que gostava da maneira com que eu trabalhava, e que por isso, queria fazer essa aposta na divisão dos trabalhos deste projeto.

Essa resposta me fez valorizar ainda mais a importância que eu já atribuía ao meu tempo. Os trabalhos universitários, todos eles, foram um bom investimento. Sempre procurei aproveitar o tempo de forma produtiva. Os projetos que, na minha ótica, pudessem gerar frutos ou aprendizados (e normalmente acabei usufruindo de ambos na maioria deles) mereceram os melhores esforços que foram possíveis.

Foi assim que, desde o segundo semestre da faculdade, em conjunto com excelentes amigos, trabalhei em diversos filmes. Em alguns deles conseguimos façanhas, na época, extraordinárias para o nível de cinema com o qual estávamos acostumados:

No projeto *A Menor Distância Entre Dois Pontos* filme dirigido pelos amigos Elias Guerra e Breno Nina, fiz o meu primeiro Som Direto. Junto às autoridades do Distrito Federal, conseguimos fechar um lado da Ponte JK durante duas noites inteiras para filmar, uma atitude de produção incomum para alunos de primeiro a terceiro semestre do curso. Esse filme é um orgulho para todos nós pois com ele dividimos o prêmio de Melhor Filme concedido pela Câmara Legislativa no Festival de Brasília;

Igualmente interessante foi o filme *Somos Todos Inocentes* do colega e amigo Pedro Beiler, no qual eu e Ivan Viana dividimos a função de Direção de Fotografia. Na ambiciosa produção, construímos um quarto inteiro de gesso e o transportamos para o estacionamento do *Cine Drive-In*, onde ateamos-lo fogo contemplando cenas do roteiro, contando com a presença confortadora de *bombeiros* do DF. Após a filmagem (Figura 1) acendemos charutos nas brasas do quarto destruído.



Figura 1 - Foto de Equipe do filme *Somos Todos Inocentes* - Dirigido por Pedro Beiler. Ao Fundo, quarto de gesso construído por nós para que fosse possível realizar a cena do quarto em chamas.

Na produção de *O Logro*, do amigo Ig Uractan, realizamos nossos trabalhos no Pólo de Cinema de Vídeo de Brasília, conquista da competente equipe de produção. Assumi a Direção de Fotografia e construí, a partir de exemplos vistos na internet, uma grua para filmar alguns planos (Figura 5), que julgamos essenciais para a história. Além disso, graças à organização ímpar do

Ig, pudemos gravar quase 40 planos por dia, feito notável para uma equipe técnica de sete pessoas e três atores, além de uma participação especial do Andrade! (Figura 2)



Figura 2 - Foto de Equipe do filme *O Logo*, direção de Ig Uractan. Cinema do meio do cerrado.

Na película *Paixão Traduzida* (Figura 4), filme de conclusão do curso de Comunicação da amiga Raíssa Balduino, dirigido pelo Ig Uractan, eu novamente dividi a Direção de Fotografia com o Ivan Viana. Nele, pude dobrar o tamanho da lança da grua (Figura 3) de dois para quatro metros de comprimento a fim de realizar o primeiro plano do filme (no fim aproveitamos a grua em vários outros momentos). E experimentamos algo que julgo ser a cena mais próxima do cinema hollywoodiano visto no estúdio da faculdade de comunicação: uma dança ao luar, de grande plano geral envolvendo 25Kg de gelo seco, uma grua, um lança chamas ligado à um compressor com glicerina e cinco câmeras gravando simultaneamente.



Figura 3 - Nova lança da Grua feita artesanalmente.



Figura 4 - Foto de Equipe do filme *Paixão Traduzida*, direção Ig Uractan, roteiro de Raíssa Balduino.

Não há espaço melhor para agradecer o apoio e a valiosíssima amizade desses parceiros de estrada (Figura 5). Eles sempre apostaram e se esforçaram para construir um fantástico trabalho cujas memórias do *set* sempre são celebradas com alegria.



Figura 5- da esquerda para a direita: Pedro Beiler, Ig Uractan, Ivan Viana, Elias Guerra e Victor Pennington. Teste da primeira versão da grua caseira.

Mesmo assim, ofertando o máximo de minhas economias e tempo, evitei comprometer-me em atividades que inviabilizassem futuros novos projetos. Essas atitudes (que aos interessados é possível aprender na UnB) sempre deixaram um espaço aberto para oportunidades, que foi o caso do convite que veio para realizar a *A Louca História de Andrade Júnior*.

3.2 O Tempo do Cinema

Após três anos do início desse projeto, a minha percepção sobre a produção cinematográfica mudou: a ideia de uma profissão glamorosa e reconhecida foi ocupada por um modo de trabalho consistente e dedicado. Para manter um mínimo de padrão de vida, o cineasta precisa estar ocupado sempre, seja em projetos próprios ou de outrem ou em um emprego. Entre os meus colegas, a última opção é a mais comum e nefasta, pois consome todo o tempo disponível para escrever e iniciar os projetos próprios. Mesmo nos produtores com maior expressão, e nesses está incluso o Érico, essa característica mercadológica do Audiovisual local se mantém.

Nessa carência de tempo gerada pelo mercado está a oportunidade para quem está no início. É imprescindível a administração do tempo em prol do aperfeiçoamento pessoal, e o trabalho com o cinema universitário é providente nesse aspecto. Além disso, não tenho dúvidas do aprendizado mais valioso na jornada dos filmes universitários B.O.¹⁴: o cinema é uma

¹⁴ B.O. Baixo Orçamento – Filmes cuja produção possui pouco ou nenhum dinheiro para sua realização.

atividade coletiva, que se faz em grupo. E os produtores, que sabem isso, buscam a todo momento novas parcerias para seus projetos.

3.3 A Base Acadêmica.

Outro aspecto que me despertou interesse para esse trabalho foi o fato de ser um Documentário. Naquele o momento eu estava mais familiarizado com narrativas de ficção. Nos trabalhos de cinema que eu havia participado, o espaço criador da fotografia, por exemplo, permitia-me expressar ideias de forma visual, concretizadas nas imagens desenvolvidas e selecionadas para os filmes. Mas, em um espaço criativo amplo como um filme documentário, eu me encontrava imaturo.

Mesmo com pouca experiência no gênero, eu já havia trabalhado em várias produções de vídeos institucionais¹⁵, que a princípio se diferenciam do cinema por apresentarem um direcionamento prévio, associado às políticas das instituições. Adicionalmente, a companhia de um amigo diretor experiente e ao fato de que sempre tive contato com excelentes documentaristas na cidade, dentro e fora da UnB, fiquei confiante de que conseguiria realizar esta produção cinematográfica.

Além de tudo, a ênfase em Jornalismo do meu curso foi uma excelente base para trabalhar. O ferramental de pesquisa e investigação que o curso me ofereceu foi essencial para a minha participação neste projeto.

¹⁵ Vídeos normalmente financiados por instituições com fins publicitários e informativos acerca da instituição em si.

4 Desenvolvimento ou pré-produção?

A CAZA Filmes era uma empresa em consolidação no mercado brasileiros de filmes na época em que se iniciou o processo de realização do documentário sobre o Andrade Júnior. Apesar de jovem, essa produtora audiovisual possuía expressiva premiação concedida a vários filmes de curta-metragem e estava, na época, envolvida no desenvolvimento de um filme de longa-metragem.

Por essa experiência técnica, Érico elegeu três prioridades em relação ao filme: patrocínio – deveríamos buscar maneiras de financiar o nosso trabalho; projeto – pois era imprescindível a formalização das etapas pelas quais deveríamos passar para que nós não nos perdêssemos no processo; e pesquisa – pois era necessária uma base de conhecimento do tema para abordar o argumento e a narrativa do projeto.

Paralelamente às buscas por soluções financeiras, seguimos com os trabalhos de pesquisa para o desenvolvimento do projeto do filme com o apoio financeiro próprio. Concomitantemente, gravávamos as entrevistas mais urgentes. O plano era “ir levando” o filme dentro das nossas possibilidades, enquanto buscávamos uma forma de remunerar o nosso trabalho.

4.1 O Personagem Andrade

Quando recebi oficialmente o convite do Érico para participar do filme, ele havia feito apenas uma entrevista com o Andrade e algumas poucas imagens de cobertura. Cazarré disse-me sobre sua certeza de não resultar um filme desinteressante: Andrade Júnior é uma figura excepcionalmente icônica e querida pela cidade de Brasília.

Apesar disso, o conhecimento que Cazarré detinha sobre o nosso biografado limitava-se à convivência que tiveram na realização de alguns filmes e trabalhos além dos comentários que chegavam através de amigos, admiradores e dos *sets* de filmagens com a participação de Andrade.

Não me recordo quando conheci o Andrade Jr. Tendo crescido no âmbito da Universidade de Brasília, (meu pai é professor da universidade na área de Audiovisual), acabei por frequentar a lojinha que o Andrade mantinha na ala sul do Instituto Central de Ciências (alcunha “minhocão”), desde criança. O ator me viu crescer. Com a chegada da era digital, e alguns acontecimentos interessantes na família do Andrade que comentarei depois, sua loja transformou-se e ele entregou o negócio para sua filha administrar. Dessa forma, passei a

encontrá-lo esporadicamente nos trabalhos audiovisuais que participei (interessante notar que ele estava presente em muitos).

Assim, Érico e eu possuíamos um conhecimento setorizado sobre a vida do nosso biografado. As histórias que ele nos contava expandiam um pouco mais o nosso universo. Mesmo assim, a realização de uma pesquisa era claramente necessária para a realização do filme.

4.2 Sobre qual Andrade é o Filme?

No início dos trabalhos, fomos conversar com o Andrade para sabermos onde começar a nossa pesquisa. Ele nos contou um pouco da sua história de vida e saímos bastante impressionados.

Andrade é um candango¹⁶. Veio para Brasília ainda nos primórdios da construção da capital. Quando adolescente ele trabalhava vendendo café para os operários das construções. Após um tempo trabalhou como almoxarife de uma construtora, e no início da juventude teve contato com fotografia (para nosso infortúnio ele nunca foi um homem organizado e suas fotos da construção da cidade foram perdidas).

O currículo como ator estava incompleto quando chegou em minhas mãos. O documento contava com mais de 120 trabalhos entre teatro e audiovisual. E sua trajetória de vida é particularmente marcante. Além de diversas profissões, ele interagiu com diversas personalidades. Trabalhou com Paulo-Freire em suas aulas em escolas públicas, escondeu membros de bandas de Rock em fuga da polícia em sua loja. Participou como presidente de um grêmio estudantil em plena ditadura. A lista é longa. E à medida que o nosso amigo falava, ao mesmo tempo eu ficava impressionado e preocupado. Como iríamos retratar essa imensa variedade de acontecimentos de uma vida? As decisões “editoriais” que precisávamos escolher não estavam precisas. Nosso personagem mostrou-nos ser camaleônico – inclusive um dos títulos cogitados para o filme foi *As Mil Faces de Andrade Jr.*. Aonde quer que atirássemos iria render história. E isso era um grande problema ou uma grande janela de oportunidades, como acabou-se demonstrando no decorrer da realização do filme.

O aprendizado que tive em pesquisa jornalística neste ponto, foi bem útil. Anotei tudo o que ator nos falou e montei uma pequena lista de datas, lugares e pessoas. Minha primeira ideia

¹⁶ Candango, s. m. (...) 4. Nome com que se designam os trabalhadores comuns que colaboraram na construção de Brasília. (Fernando de Azevedo 1981)

era trabalhar através das décadas desde a chegada da família do Andrade ao Planalto Central até os dias atuais fazendo um comparativo da história de Brasília com a história do ator.

No primeiro momento, a ideia pareceu funcionar, pelo menos no papel. Andrade, com exceção da década de 1980 (curiosamente dita como a “década perdida” por alguns entrevistados, visto a recessão ocorrida após o período de exceção), teve participações significativas na história da cidade em todas as épocas.

Após a conversa com o ator, seguimos para um telefone. Depois algumas ligações, e uns e-mails, Cazarré e eu elaboramos uma lista de possíveis entrevistados para complementar o filme: cineastas, amigos e admiradores do Andrade eram as principais opções. Buscávamos também por qualquer boato sobre o biografado de quem quer que fosse. Depois de um tempo convivendo de perto com o Andrade, investigávamos qualquer coisa.

4.3 As imagens de arquivo: uma filha valiosa.

Uma preocupação ainda estava latente em nosso trabalho: as imagens de arquivo. Andrade Júnior sempre foi muito desapegado com suas coisas e apesar de, na maioria dos seus trabalhos, receber cópias dos filmes, ele acabava por perde-los. Por esse motivo, o ator não pôde nos ajudar com um acervo de seus trabalhos ou fotos antigas. Os filmes mais recentes foram relativamente fáceis de obter com os produtores locais, afinal tínhamos contato com a maioria. Mas seria indispensável para nosso projeto, imagens dos primeiros trabalhos e esses eram de difícil aquisição.

Para nossa fortuna, quando em visita à antiga loja do Andrade na UnB, em busca de um local para entrevistar o nosso biografado, encontrei sua filha, Cássia Andrade, moça bastante simpática. Conversei com ela sobre o projeto e sobre o filme, ela então me informou que guardava um acervo do pai, incluindo DVDs, fotos, recortes de jornais e diversos documentos da trajetória artística do ator que ela pôde juntar. Apesar de inicialmente não ter sido muito receptiva a participar como entrevistada para o filme, Cássia foi extremamente prestativa em nos dar acesso ao material que possuía.

Na mesma semana fui para sua casa, perto de Sobradinho (cidade satélite 22km distante do Plano Piloto), com um notebook, e uma câmera fotográfica. Durante um dia inteiro digitalizei por volta de 40 DVDs além de adquirir um acervo digital com milhares de fotos do ator, e reproduzi recortes de jornais e cartazes de filmes.

Esse acervo foi-nos muito útil e compôs parte significativa da edição. Acredito que a riqueza de imagens que hoje o filme possui deve-se graças à Cássia e seu senso de preservação histórico.

5 Financiamento.

Today you can do this without money, power, position, or even much in the way of special training. What you mostly need is courage, a passionate drive to solve mysteries, and the persistence to make what you've gathered into a story that will detonate in the minds of an audience.¹⁷ (Rabiger 2009, 8)

Apesar da certeza de que Cazarré e eu levaríamos o filme até o fim mesmo que frustradas todas as alternativas de financiamento, continuamos a buscar novos caminhos para o patrocínio da história. Essa é uma forma de reconhecimento do nosso ofício. A busca por uma remuneração justa é uma das nossas obrigações como cineastas.

Desde o início do projeto, o codiretor buscava formas de financiar o nosso trabalho. Os custos de produção de um documentário à longo prazo podem ser onerosos ao ponto de inviabilizar o trabalho. O financiamento seria uma forma de agilizar o trabalho e garantir o trajeto do filme até o público. Trabalhos inconclusos por falta de condições de produções são comuns no cinema, em particular nas escolas de audiovisual, e nenhum cineasta deseja essa sina.

Uma das nossas primeiras ideias foi o *CrowdFunding*, que é uma forma de financiamento coletivo. Publica-se o projeto em um *website*, e quem acreditar na proposta pode fazer uma doação em dinheiro (em alguns casos é oferecida uma contrapartida). Tivemos, ao realizar *Somos Todos Inocentes* uma ótima experiência com esse sistema, onde o filme conseguiu bancar a maioria dos custos de produção – embora não chegássemos pagar equipe técnica, com exceção do electricista. Contava ao nosso favor, para essa forma de arrecadação, o fato do nosso protagonista Andrade ser, além de famoso, muito querido por um grande público apreciador de cinema de Brasília.

A segunda opção era buscar um edital de fomento ao Audiovisual. Na época em que estávamos contemplando essa hipótese, foi lançado o edital do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito-Federal – FAC/DF, que concedia verbas para o financiamento de filmes. Foi nossa primeira opção.

¹⁷ “Hoje você pode fazê-lo sem dinheiro, poder, cargos ou mesmo com treinamento especializado. O que você mais precisa é coragem, uma paixão que te leve a resolver mistérios, e a persistência para fazer com o que você reuniu uma história que vá eclodir nas mentes de uma plateia.

5.1 A importância do projeto

Como instrumentos da produção, funcionam como lemes que nos permitem antever, planejar e ajustar o acontecer cotidiano de uma produção audiovisual, sistematizando-a em função de antecipar necessidades futuras, hoje presentes, e que se revelarão duradoura, durante a montagem e exibição. Possibilita prever, no exato instante da realização do registro sonoro visual, as possibilidades futuras de montagem e produção de sentido. (Holanda 1999)

Diferente de um roteiro, que “é a forma escrita de qualquer espetáculo áudio e/ou visual” (Comparato 1983, 15), o projeto cinematográfico tem a função de levar o filme do seu início até o fim (Gerbase 2012). Antes de realizar *A Louca História de Andrade Jr.*, eu nunca havia feito ou lido seriamente um projeto cinematográfico. Apesar de buscarmos sempre muita organização para as filmagens (nos meus trabalhos de fotografia sempre fiz *storyboard*¹⁸), os filmes universitários que trabalhei nunca tiveram um projeto para o filme em si, que contivesse, em um só lugar, as características e informações do filme para guiar a produção, direção e financiamento.

Atualmente tenho a percepção de que, mesmo nas atividades mais simples, escrever um projeto é vantajoso: poupa tempo e dinheiro. Se as principais informações do trabalho: cronograma, equipamento, equipe, orçamento e patrocínio estiverem previstas, assegura-se mais tranquilidade na produção.

No decorrer desta produção, percebi que sempre mantivemos, inicialmente, um projeto rústico: eram as nossas listas de tarefas para o filme, inclusive, entre elas, a elaboração de um projeto formal. O dispêndio de esforços para elaborar um projeto bem escrito é inteiramente justificado pelo fato de que para conseguir financiamento público essa ferramenta é absolutamente indispensável.

5.2 O FAC

O Fundo de Apoio à Cultura do Distrito-Federal – FAC/DF vai completar 24 anos em 2015. É um dos maiores¹⁹ fundos de fomento à cultura do país. O objetivo é a atividade de fomento que segundo o decreto 34.785/2013, são os investimentos destinados a fortalecer os

¹⁸ *Storyboard* – do inglês “Quadro de Histórias”. É a decupagem de cada plano do filme feita com desenhos, similar às histórias em quadrinhos.

¹⁹ Dados fornecidos pela secretaria de cultura do GDF.

circuitos de criação, produção, difusão, e fruição de bens e serviços artísticos e culturais, objetivando a estruturação do setor artístico cultural do Distrito Federal. A seleção dos projetos obedece a critérios bem definidos em editais lançados no decorrer dos anos e o acesso aos recursos está condicionado a prévio registro e certificação do proponente do projeto (CEAC) garantindo que a produção seja realizada por agentes locais.

Nosso projeto foi ideal para o FAC pois o Andrade tem uma participação sólida na construção da cidade, um verdadeiro patrimônio imaterial, que merece ser documentado e divulgado. Além disso, graças ao sistema de contrapartida, o ofício do audiovisual pôde ser divulgado na forma de palestras e exibições de filmes curtas-metragens o que atende às demandas da secretaria de cultura.

5.2.1 Escrevendo para ser lido.

Dessa forma, começamos a escrever o projeto voltado para o edital e deixamos a ideia do financiamento colaborativo em segundo plano. Esse foi, para mim, um dos momentos de maior aprendizado neste filme.

Uma observação importante: uma das exigências para a inscrição no FAC é que o proponente seja um agente cultural ativo na capital. Dessa forma, Jorge Pennington leu nosso projeto e resolveu adotá-lo tornando-se seu proponente (ver Anexo C – Formulário de Inscrição do projeto.) e participando do filme na função de técnico de som direto.

Um dos interesse das entidades governamentais quando trata-se de financiar projetos é o impacto sobre o público. Os objetivos estão na lei: “Estruturação do Setor Artístico”. E nas palestras do FAC que pude participar, sempre foi muito clara a intenção de dar um *start* para o artista se profissionalizar e buscar projetos maiores. Mesmo nas propostas experimentais, está presente, na ficha cadastral dos projetos no edital, um campo de previsão de número de espectadores. Dessa forma, buscamos escrever o projeto (e fazer o filme) voltado para o interesse público.

5.2.2 A Aposta

É conveniente observar que qualquer projeto inscrito leva tempo e esforço para sua elaboração. E a conquista do financiamento não é certa. É uma aposta. Nesse caminho é imperativo avaliar o comprometimento que se tem com um projeto cujo financiamento não é assegurado. Horas escrevendo argumentos, roteiros e preparando orçamentos, e todo um conjunto de documentação (em que algumas declarações públicas são pagas) geram custos

significativos. Ao mesmo tempo, quanto mais sólido o projeto, bem escrito e organizado, maior é a oportunidade de sucesso. Vale lembrar que um projeto bem escrito pode se inscrever em outros editais caso o primeiro não gere resultados.

A minha percepção acerca dos projetos para editais é que a escrita deles tem que ser voltada para o avaliador. É mister responder: porque o seu projeto merece ser contemplado em detrimento ao projeto dos outros inscritos? Essa resposta será avaliada por critérios objetivos e subjetivos. Mas penso que importante é demonstrar que o projeto faz sentido (de um ponto de vista subjetivo é um projeto que propõe algo útil com construção de valores ou significados) e é passível de conclusão (o orçamento e plano de gastos tem que dialogar com o cronograma do filme). É necessário assegurar com clareza, para o avaliador, que você e sua equipe são competentes para concluir o projeto que está sendo proposto.

Foi com essa diretiva que escrevemos o projeto do filme. Dividimos em setores, fiquei com a parte de Argumento, Justificativa e Objetivos (setores subjetivos do projetos) e o Érico com as partes objetivas: certidões, comprovantes, fichas cadastrais, declarações etc. (parte burocrática). Fizemos questão de colocar como nossa pesquisa estava avançada e quanto material já possuíamos para a realização do filme bem como as entrevistas já realizadas.

Um cuidado especial foi tomado com a documentação. Geralmente os editais pedem uma série de comprovantes para saber se o proponente está em dia com as obrigações fiscais. E um projeto só será lido caso essa documentação esteja em situação regular. De forma que negligenciar qualquer documento solicitado pelo edital significa a desqualificação imediata do projeto.

O codiretor apresentou uma solução prática: um *checklist* da documentação necessária para a inscrição. Ficamos muito atento às datas, deixar para última hora aumenta significativamente os riscos de esquecimento – bem como a *chance* de congestionamento do sistema de inscrição on-line. A organização foi primordial para o sucesso do nosso trabalho.

Após esse todo esse trabalho, foi com muita satisfação que vimos contemplado, no segundo bloco de editais de 2012 da Secretaria de Cultura do Governo do Distrito Federal, o projeto *A Louca História de Andrade Jr.*

6 O personagem e a narrativa.

(...) é absolutamente previsível, que, para além das circunstâncias, ao final, o que sobreviva, de fato, seja o feito, o realizado – a ação, e não o ator, o livro e não o autor, a casa e não o pedreiro, o filme, e não o pensamento e os operários que o produzem. (Holanda 1999).

O conceito e a narrativa de um filme são os elementos que sensibilizarão o público. Aparte da técnica, que é indispensável mas substituível, essas preposições são o tronco alicerce de qualquer produto, são também as justificativas e orientações para uso desta ou daquela escolha técnica ou estética para concretização do que deseja a partir da ideia.

No caso do *A Louca História de Andrade Jr.*, o conceito e a narrativa foram determinados primeiramente na trajetória do protagonista, mas isto somente não bastaria para nossa história. Dessa forma foi agregada, por fim, uma caracterização da persona do nosso biografado.

6.1 O Argumento.

Os roteiros, mapas, escaletas, etc. nada mais são e do que instrumentos para aproximar-se, desde o começo, do término. (...) É o instrumento de uma metodologia que nos permite pensar, desde já, o argumento de uma ficção, de um documentário ou de uma reportagem audiovisual, em termos de uma sequência de sons e imagens calculadas, produzidas e organizadas intencionalmente pelo emissor. (Holanda 1999)

O Argumento do filme sem dúvida foi, como já dito, um desafio. Como havia ficado sob minha responsabilidade a sua elaboração (lembrando que esse filme foi a minha primeira experiência com direção e com documentário), fiquei, inicialmente, temeroso. Para começar, eu não tinha a menor noção do que é um “Argumento” para documentário. O que complicava muito a situação. Gostaria de neste ponto agradecer ao cineasta Jorge Bodanzky, que me auxiliou de maneira muito prestativa com relação à esse tema e o cineasta e professor Armando Bulcão, que leu e corrigiu meu trabalho antes do envio, além de fornecer informações ímpares sobre projetos cinematográficos e planejamento. Sem esses auxílios não tenho dúvidas de que este projeto teria encontrado caminhos mais difíceis para sua execução. Depois dessas ajudas e de alguns livros²⁰

²⁰ Todos os livros que serviram de apoio estão na Bibliografia.

pude preparar um documento (ver ANEXO A) de aproximadamente dez páginas para enviar ao edital que posteriormente nos contemplou.

6.2 Escolha dos temas

A amplitude do personagem que o Andrade Jr. demonstrou ter se provou difícil de representar nos argumentos escritos e ainda mais na tela. A primeira ideia que conquistou o projeto se provou frustrada na edição. Uma lógica linear de narrativa não se prestava à projetar a personalidade quase caótica do nosso homenageado, como nós desejávamos.

Queríamos uma homenagem e um retrato do que era o Andrade, e o que ele representava para a dramaturgia brasileira. Ocorre que para retratar o nosso biografado, eu tive a péssima ideia de tentar defini-lo dentro de um tempo cronológico – o que se provou frustrado. Argemiro de Andrade Júnior não é um homem comum. Ele não se encaixa dentro de uma definição pré-moldada pela sociedade. Sua estrutura de ser é randômica mas extremamente agradável. Sempre. Sua presença é forte e seu sorriso cativante. O seu tempo não está vinculado às datas de qualquer lugar. Ele fala dos trabalhos que fazia na escola como se fosse ontem. E das centenas de trabalhos realizados como ator ou das outras várias profissões (segundo ele até jogador de futebol profissional) como atividades triviais, temos apenas um relato de conflito e inimizade (que nem consideramos colocar no filme. Alguém que brigue com o Andrade não merece atenção midiática!).

Percebendo isso, delimitar apenas um aspecto para falar do Andrade não foi possível. Então, decidimos escolher vários temas para mostrar as várias faces do Andrade. Optamos por montar um mosaico dos vídeos de arquivo que possuíamos para complementar os depoimentos que coletamos ao longo da produção. Nisso fomos melhor sucedidos. O vasto acervo que possuíamos dos trabalhos do ator vieram bem de encontro aos diversos depoimentos de pessoas queridas e admiradores do trabalho e da pessoa que é o Andrade Júnior.

6.3 A fortuna e a família

Durante a pesquisa percebemos uma certa distância da família do nosso protagonista. O que sabemos é que Andrade foi um homem bem sucedido em seus negócios o que o deixou rico – chegou até a possuir um barco de passeio. Mas a fortuna acabou sendo um revés. Suas responsabilidades com tudo e com todos o impedia de praticar o seu mais amado ofício: o de ator, e toda vez que Argemiro era convidado para participar de algum projeto, junto com o convite vinham as sombras de diversas reclamações e cobranças.

Na parte do depoimento próximo à ponte da amizade, pode-se perceber essa relação nefasta com o dinheiro. Andrade revela que “a cabeça melhorou” agora que ele estava “quebrado”. O que tenho para mim é que o seu talento para ganhar dinheiro entra em conflito com o de ser agradável com todos. Quando Andrade teve um enfarte aos 60 anos, deixou os negócios nas mãos dos filhos e foi fazer o que mais gostava: ser ator.

Decidimos não abordar essa parte de sua história no filme. Apesar do excelente valor-notícia, nosso interesse não era despertar sentimentos negativos de qualquer espécie para o nosso biografado. Nosso amigo sempre pareceu desconfortável em relação à esse tema, e por isso sempre optamos pelo respeito à vida privada do ator, quando assim ele demonstrasse.

6.4 O Título e a Loucura

No início do filme o título do filme era *A Louca Biografia de Andrade Jr.*, a mudança para o título permanente trocou o nome “biografia” por “história”. Na época, achei que dessa forma o título sugeriria uma dualidade interessante. Ao mesmo tempo que ele expressaria a ideia de biografia também daria a entender que é uma história narrada pelo Andrade. E o nosso querido ator contava muitas histórias.

Nunca estive certo à respeito do adjetivo relacionado à loucura no título. Apesar disso ter sido sempre muito claro para o Érico. Mesmo que as histórias e que alguns posicionamentos do Andrade fosse pouco ortodoxos, sua lucidez e autoridade ao relatar tais assuntos me inspiravam dúvidas. Talvez suas habilidades dramáticas tenham confundido minha capacidade analítica. Essa especulação sempre me divertiu, dentre as várias filmagens e a longa trajetória que passamos juntos, todas as oportunidades de conversa com o ator sempre foram muito frutíferas e/ou divertidas. Acabei aceitando bem colocar a palavra “louca” no título por se tratar mais das histórias que ele nos contava e viveu do que por considerar o nosso biografado louco. Penso, na verdade, que ele tem traços de um gênio.

6.5 A Atuação do Andrade.

“Só quando o ator está em casa, a portas fechadas, com o seu círculo de relações mais próximas é que ele pode descontrolar-se. Porque o seu papel não acaba de ser representado com o baixar do pano. Ele ainda tem a obrigação de carregar em sua vida diária o estandarte da qualidade.” (Stanislavski 2009, 338)

Andrade fazia da obrigação citada por Tórstov²¹ sua maneira de vida. Tenho apenas palpites do que está oculto no baixar das cortinas do personagem construído por Argemiro. Mas o que está à tona é uma expressão da sua absoluta qualidade de pessoa e ator.

O nosso biografado tem uma habilidade especialmente peculiar para se entrosar com as pessoas. Acredito que essa característica levou-o para esses vários lugares e para essas tantas situações. À todo momento estávamos com o equipamento pronto para gravação, pois a qualquer hora ele brincava de arrumar encrenca e acabava com novos amigos.

Paulo Timo, um dos entrevistados que é amigo de infância do Andrade, afirmou que Andrade era um bom ator quando não atuava, isto é, quando era ele mesmo na tela. Nós perguntamos à todos os entrevistados suas opiniões sobre a qualidade da atuação do nosso homenageado. A resposta era unânime em afirmar a qualidade ímpar do trabalho dramaturgicamente do nosso ator.

Pessoalmente acredito que o Andrade é uma metamorfose infinita (Figura 6). Ele fará, assumirá o papel que lhe for proposto, assim como já o fez papéis como de: Deus, cangaceiro, cientista louco, policial, delegado, ator, poeta, caixeiro viajante, avô... Andrade também pode trabalhar com a versatilidade das raças, gêneros e etnias. Ele já fez personagens assumindo a forma de: japonês, negro, branco, homem, mulher, gay, macaco. Em diversos tipos de filmes. De terror à comédias, passando por dramas.



Figura 6 – A metamorfose infinita do ator: Andrade Japonês, Cientista Maluco, Magnata e Negro. (Jardim Japonês, Macacos me Mordam, A Louca História de Andrade Jr. e Balãozinho Azul).

²¹ Tórstov era o professor da turma de Kóstia, no livro de Stanislavski, provavelmente a representação do próprio Constantin.

Vejo o ator como um personagem da vida que segue em frente. E isso, na minha percepção, foi a receita do sucesso. Mas confesso que, durante as filmagens, sempre percebi uma linha tênue entre o Andrade pregando peças de atuação e o Andrade verdadeiramente constrangido com alguma situação. Um bom exemplo desse limiar foi o dia de gravação em que fomos mostrar o carro dele. O famoso Subaru. Andrade acredita ser o melhor carro do mundo, inquebrável, e no meio do passeio, o carro pifou (Figura 7) e precisou ser guinchado. Perante às várias risadas, ele sorriu constrangido para nós. Mesmo assim, pouco depois, graças à sua grande capacidade adaptativa, eu presumo, ele logo aceitou sua sina e novamente entrou na brincadeira, lanchando (Figura 8) no seu carro enquanto rebocado.



Figura 7 - Andrade Jr. Ao lado de seu heroico carro enfim derrotado pela falta de manutenção. (Imagens do Filme)



Figura 8 - Andrade em um lanche durante a viagem com o carro rebocado (Imagens do Filme)

6.6 A fala que não gravamos.

“A individualidade é aderente à biografia, dentro da qual se pode procurar conhecer como um ser humano viveu em seu tempo. Como uma vida pode influenciar muitas – mesmo a vida do próprio autor, pois nenhum biógrafo respeitável pode permanecer à sombra de seu biografado (vivo ou morto) tanto tempo, pesquisando-o, interpretando-o diariamente, às vezes durante vários anos, e não ser tocado por essa experiência.” (Vilas Boas 2008, 24)

A situação mais marcante de todo o projeto para mim foi um comentário feito pelo Andrade, logo após um lanche depois de uma gravação. Estávamos com os equipamentos guardados. Ele disse: “eu estou com quase 70 anos... olhando assim eu acho que passei uma vida em branco”.

Eu fiquei impressionado com o comentário. Andrade, definitivamente, teve e tem uma vida marcante pelo julgamento da maioria das pessoas. Mas sua percepção difere do padrão. O que o ator me explicou foi que, pelo fato de ter se casado jovem e nunca ter bebido, fumado ou tido uma vida afoita até os 60 anos, sua vida não teve histórias significativas.

Isso pôs-me a refletir durante um bom tempo; estávamos fazendo um filme sobre a marcante vida de um senhor que acreditava que passara uma vida em branco por não ter tido, ao longo de sua jornada, histórias de boteco. Será que visões pejorativas sobre nós mesmos é algo que comumente estamos construindo sem perceber? A partir do comentário do Andrade, passei a

considerar melhor os meus dias, o meu tempo e o meu trabalho. Não tenho certeza acerca se conseguiria ou mesmo deveria fazê-lo dizer aquilo novamente para colocar nas telas. De fato seria um final interessante para o filme, mas não é um sentimento que eu gostaria de reviver nos pensamentos do meu amigo ator.

6.7 Narrativa

Se em um primeiro instante, pensamos em manter uma estrutura linear de história dentro do conceito da arquitrama²² (Mckee 2006), isso logo foi abaixo chegado o momento da edição partindo para a minitrama²³. Apesar de que na estrutura geral do filme, até a sua metade, contemos a vida do Andrade de forma linear, do meio para o final do filme deixamos isso de lado para expor a exótica personalidade do ator.

Pudemos brincar e experimentar bastante com as imagens de arquivo. Essas complementam, questionam ou respondem as falas das entrevistas à medida que desenrola-se a história. Não deixo de pensar que alcançamos, nesse aspecto, a loucura desejada pelo Cazarré. Afinal, é pouco ortodoxo o ator em forma de diversos personagens comentar sobre sua versão de si na vida real. Inclusive, a fala do Montana (7'30") explicando que é impossível discernir sobre a veracidade ou ficção das ações do Andrade foi ideia do Érico. E uma excelente e bem sucedida ideia, diga-se de passagem.

No último retoque de edição, revisitando os materiais de arquivo para encaixar umas últimas anedotas para realçar o ritmo do filme, vi um documento da inscrição do nosso biografado para o programa BBB²⁴. Achei hilário. Mais que isso, nesse momento encontrei o final do filme e a curva dramática que unificaria a narrativa e amarraria toda a estrutura.

A inserção de falas do Andrade olhando sério para a câmera, com o ar penoso, e mensagens sobre o final da vida, criou (eu pelo menos assim acredito) um tema dramático para contrastar com as inúmeras situações de chacota propostas dentro do filme. Criando uma peripécia ao final, quando é revelado o real objetivo de sua fala: o que ele deseja mesmo é participar de um programa de *reality show*.

²² Conceitos referentes ao design das histórias. A arquitrama tem características clássicas como: causalidade, tempo linear, final fechado. Em um outro lado a minitrama segue para uma estrutura minimalista: final aberto, protagonista passivo.

²³ IDEM

²⁴ Big Brother Brasil – Rede Globo Produções 2014.

7 A Filmagem (Gravações):

O processo de produção do filme, ao contrário da praxe que pude observar nos filmes em que participei, foi tranquilo. Acredito que a experiência e tranquilidade do trabalho do Érico foram essenciais para isso. Como ambos os diretores tinham, na época, trabalho de horários fixos, a disponibilidade para gravações ficou prejudicada. Os registros iam de acordo com nossa agenda livre em congruência com os horários possíveis de se marcar com os entrevistados. Em algumas entrevistas achávamos interessante levar o Andrade para participar. Suas intervenções na maioria das vezes foram construtivas. Mesmo assim, houve entrevistas em que essa combinação de horários não foi possível, e somente um ou dois de nós estávamos presentes. Seguindo dessa forma, fizemos em média de duas a três entrevistas por mês. O que deu a vantagem de pensarmos bastante sobre a história que desejávamos contar.

7.1 Produção.

O processo de produção, felizmente não passou por quaisquer apuros, sejam de cronograma ou financeiros. Esse foi um benefício fruto do bom planejamento realizado para o filme. Tínhamos planilhas para tudo que necessitasse de atenção: gastos, prazos e conteúdo (entrevistados e imagens a serem obtidas de acordo com as ideias que estavam no argumento).

Esse trabalho de organização é crédito inteiramente do Érico Cazarré, que assinou a produção executiva. A Gabriela Mendes fez a direção de produção com grande perícia, e tivemos alguns produtores auxiliares conforme o projeto se desenvolveu: o Viça Saraiva, a Carla Brito, e o Murad Skeff.

7.1.1 O Conhecimento Técnico.

Acho importante revelar uma percepção interessante que tive durante esse projeto. Para se planejar um filme, existe uma grande importância de se ter conhecimento técnico das diversas áreas do processo de produção audiovisual. Durante o curso na UnB, pude participar de vários filmes, e colaborar nas diversas áreas: produção, fotografia, arte, direção, roteiro, som direto, edição e videografismo, além de ter a oportunidade, junto à queridos colegas, de realizar estudos da linguagem cinematográfica de forma teórica. Na parte jornalística, pude aprofundar nos conhecimentos de entrevista e investigação. Todos esses estudos me deram uma noção da dimensão e tempo que cada área dentro do trabalho audiovisual ocupa e isso proporciona a qualquer realizador um uso efetivo e eficaz dos recursos disponíveis.

Isso pôde ser útil, citando um exemplo, na entrevista com o Andrade próximo à Ponte da Amizade, na fronteira do Brasil com o Paraguai, cuja fotografia aproveitou a luz natural somada à rebatedores de luz. Tendo planejado isso com antecedência, pudemos redirecionar a verba de locação dos equipamentos de iluminação artificial e de transporte e alimentação da equipe que faria a parte elétrica para outros momentos do filme. Como inicialmente trabalhávamos sem orçamento algum, esse tipo de economia inteligente foi imprescindível. Mesmo após conquistarmos o edital do FAC, esse pensamento continuou sendo praticado, ocorrendo, em alguns casos, o acúmulo de funções técnicas (uma vez fizemos, som direto e duas câmeras ao mesmo tempo). Entretanto, evitamos nos colocar em situações desconfortáveis de produção. Uma vez comprovada a necessidade de auxílio técnico em quaisquer áreas, não hesitamos em adquiri-lo.

7.2 A Direção

O trabalho de direção feito pelo amigo Érico Cazarré e eu não apresentou dificuldades. O codiretor sempre foi uma pessoa de boas sugestões e ao mesmo tempo um bom ouvinte. Compartilhamos esse projeto sem dificuldades e todas as decisões importantes acerca do filme foram feitas em comum acordo.

7.2.1 Entrevistas

O direcionamento que dávamos nas entrevistas eram diferentes. Enquanto Érico abordava uma perspectiva mais íntima comportamental do nosso biografado em suas questões para os entrevistados volta e meia também verificava a veracidade de alguns comentários que circularam por *sets* onde o ator participou, eu procurava por depoimentos mais históricos e factuais da trajetória dele (o que provavelmente se deve à influência da pesquisa e do argumento que fiz). Isso foi, ao meu ver, excelente, pois esses posicionamentos eram complementares, e formamos um escopo amplo de assuntos que deu flexibilidade à edição.

Como parte significativa do filme é composto por entrevistas e materiais de arquivo, os aprendizados de técnicas jornalistas que tive principalmente na área de apuração foram primordiais para a realização deste trabalho.

As entrevistas foram todas muito tranquilas, com poucas exceções de desencontros, (uma vez o Andrade nos levou para a casa de um amigo que estava ausente!) as entrevistas transcorreram bem. A escolha de entrevistados foi feita em conjunto pelo Érico e eu, com sugestões do Andrade. Como decidimos “puxar sardinha” para o lado cinematográfico do ator (o

que veio à calhar com a grande quantidade de material de arquivo que possuíamos) muitas das entrevistas foram com pessoas relacionadas ao Audiovisual. Mesmo assim, alguns amigos de infância e dos outros trabalhos do Andrade não puderam ser deixados de lado.

Todos os entrevistados foram bem receptivos às entrevistas. E todos gostavam bastante do Andrade. Procuramos fazer as gravações, quando possível, com duas câmeras para facilitar a edição. Acredito que a dificuldade mais presente foi levar um material muito extenso para a pós-produção. Isso será comentado adiante.

7.2.2 O terceiro Diretor

Nossa relação com o Andrade não pode ser melhor. Cazarré e eu concordamos que ele também participou ativamente deste filme: indicou entrevistados, ajudou na pesquisa, fez boas perguntas nas entrevistas que participou, além de inúmeras sugestões de brincadeiras e cenas que poderiam ser incluídas no filme (além da sua própria atuação). Por isso, Érico fez uma excelente sugestão que resultou no compartilhamento da propriedade intelectual da obra em partes iguais para nós três, assim que a obra for registrada na ANCINE.

7.3 A Fotografia

Como no início do projeto não contávamos com financiamento, mas possuíamos a infraestrutura da CAZA Filmes, alguns equipamentos pessoais meus e ambos os diretores terem realizado direção de fotografia em trabalhos anteriores (ver Anexo B – Curriculum dos Diretores:), decidimos fazer a fotografia concomitantemente com a direção. Não foi oneroso. Convivi com muitos trabalhos jornalísticos e institucionais realizado em piores condições. E realizando a fotografia desta forma traz a vantagem de uma equipe mínima, o que significou um ganho em agilidade na produção.

À nossa disposição estavam uma câmera de gravação *FullHD* da CAZA Filmes e duas câmeras *DSLR* minhas. Além de tripés, algumas lentes e acessórios.

7.3.1 O Enquadramento.

O padrão de plano escolhido para os depoimentos era um plano médio com uma câmera parada suportada em um tripé e uma câmera móvel para gravar um plano fechado. Dessa forma, ao se editar os diálogos, o corte de uma fala de uma pessoa para ela mesma passa despercebido. Essa técnica gera dinamismo para o texto do filme. Algumas vezes, não foi possível levar duas câmeras para o registro da entrevista. Nesses momentos foi priorizado o plano médio. Para

manter o padrão de edição de falas, nessas situações, normalmente apelamos para imagens de cobertura que tenham relação com o texto falado pelo entrevistado.

7.3.2 A Luz

“Se você tivesse de selecionar o fator mais importante a respeito de imagens, seria bom escolher a luz. Porque imagens *são* luz. Câmeras de vídeo ou de cinema simplesmente são meios de captar a luz. Os transmissores de televisão são um meio de transmitir a luz. E o aparelho de televisão é um meio de reproduzir a luz. Assim, como produtor de vídeo, você precisa estar consciente a respeito da luz, porque, em última análise, ela é a matéria-prima com a qual está lidando.” (Watts 1990, 194)

Para realizar as entrevistas, Possuíamos um kit básico com duas luminárias de mil watts cada uma, um *sun-gun*²⁵ e um rebatedor²⁶. Também tivemos acesso à painéis de *led*, após a conquista do edital.

Procuramos fazer uma luz plana, difusa, pouco dramática, onde o primeiro plano estaria destacado levemente por um diafragma de diferença em relação ao plano de fundo. Quando possível, havia uma luz de recorte sobre os ombros dos entrevistados, mas houve situações onde isso não foi possível dadas às condições da locação (o escritório do Paulo Timo, por exemplo, era impraticável. Tanto ele como o Andrade insistiram que a gravação fosse realizada naquele local). Usávamos as luzes artificiais quando gravávamos em ambientes internos ou durante à noite (como a entrevista à frente do cassino). E fizemos uso de rebatedores nas gravações externas diurnas (como na entrevista com a Ponte da Amizade ao fundo).

Foram realizadas diversas imagens adicionais com a participação dos seguintes profissionais do mercado audiovisual brasileiro: Márcio Miranda, Edney Garcêz, Jorge Pennington.

²⁵ *Sun-gun* do inglês “pistola de luz” é uma luminária pequena que se coloca em cima da câmera para auxiliar na iluminação. É um equipamento comumente usado nas atividades jornalísticas.

²⁶ “Rebatedor de luz” é uma superfície plana, prateada, branca ou dourada que reflete luz ambiente para um local de interesse. Muito utilizado em situações diurnas para complementar a luz natural.

7.4 O Som.

O som direto foi dirigido e orientado pelo Jorge Pennington. Sua competência na área é reconhecida²⁷. Para fazer a captação, usamos microfones de lapela sem fio. Sem o encontro de maiores problemas (eu também tive diversas oportunidades de fazer som direto, de sorte que ficamos seguros neste aspecto técnico).

A parte técnica do projeto não encontrou quaisquer dificuldades de execução. Praticamente todos da equipe, embora jovens, já são profissionais nas diversas áreas técnicas e éramos na época, colegas de trabalho. O que gerou um entrosamento grande na equipe.

Como já dito, tanto Érico como eu também tivemos colaborações nessas áreas. Como não tratou-se de um filme de ficção onde a complexidade dos trabalhos aumenta dada às escalas de produção, tivemos essa liberdade de trabalho compartilhado, dependendo das condições específicas de cada gravação.

²⁷ Jorge Pennington ganhou o prêmio de Melhor Captação de Som Direto pelo filme “Zé do Pedal, Acima da Terra e Abaixo do Céu” dirigido por Márcio de Holanda e Viça Saraiva em 2012.

8 Pós-Produção

O trabalho de pós-produção do filme *A Louca História de Andrade Jr.* foi extenso. Essa foi a etapa que gerou complicações e dúvidas acerca do filme. A montagem passou pela mão de quatro profissionais sendo que a montagem final foi assinada pelo Jorge Pennington, que assinou também a edição com a colaboração do Érico e minha. Muitas propostas foram elaboradas e refeitas até que chegássemos em um resultado satisfatório. Após essa etapa tive a oportunidade de realizar a finalização que consiste em mixar o áudio, corrigir a cor e concluir os videografismos.

8.1 A Edição.

“Intentionally or otherwise, every film signals its nature and premise within its first minute or two. Like a restaurant handing out an inviting menu, the wise storyteller sets terms in the opening moments so the audience can anticipate something compelling. This is the contract you strike with your audience and is a large part of your opening.”²⁸ (Rabiger 2009, 20)

Sendo o período de edição uma nova direção, foi repleto de dúvidas. Como começar o filme e como finalizá-lo não eram respostas que estavam prontas para nós na época que paramos de gravar. Acredito que isso seja normal para documentários. Ter a percepção de que certas palavras escritas em um papel podem simplesmente não funcionar na tela é um tesouro, por recomendação do professor Sérgio de Sá pude assistir ao filme *Santiago*²⁹, cuja história me instruiu nesse sentido.

Foi nesse momento que Cazzaré e eu perdemos um pouco de fôlego no projeto. O material ficou, por um período, parado. Não tínhamos certezas sobre a necessidade de realizar outras gravações. Para ter essa resposta, era preciso prosseguir pelo menos um pouco com o material que já havíamos registrado.

²⁸ “Intencionalmente ou não, todo filme sinaliza sua natureza e premissa no primeiro ou segundo minuto. Como um restaurante entregando um cardápio, o sábio contador de histórias coloca os termos nos momentos de abertura para que a plateia possa antecipar algo envolvente. Este é o contrato que você lança com sua plateia e grande parte dele é na abertura.”

²⁹ SANTIAGO. Direção: João Moreira Salles, São Paulo, Brasil, Produtora: VIDEOFILMES PRODUÇÕES ARTÍSTICA LTDA, 2006. Documentário (79 min).

Após a primeira montagem, Érico deu contribuições dentro dos cortes, e eu concluí o trabalho de edição, prosseguindo imediatamente para a finalização do filme que comentarei no próximo tópico.

Nosso montador, Jorge Pennington, encontrou um primeiro norte para a história. Foi ideia dele o início do filme ser uma animação de fotos dos trabalhos do Andrade, dentro de uma televisão antiga, com letreiros de gibi. Combinação peculiar, mas acertada. Após os créditos, surgem algumas propagandas que o ator participou seguidas de uma reportagem que, afortunadamente cita o primeiro trabalho do Andrade com um dos nossos ilustres entrevistados: Vladimir Carvalho. Dessa forma, o início do filme passa despercebido. De imagens de arquivo estáticas, para imagens de arquivo em movimento para uma entrevista específica sobre o ator.

Dessa forma construída, nos dois primeiros minutos o público já tem um impacto do que é o trabalho do Andrade, e como ele é representativo – e como ele comumente vira notícia. O princípio do curta-metragem também apresenta o ritmo do filme: dinâmico.

O forte do trabalho de foi a edição de falas combinadas com as imagens de arquivo. Tudo isso com planos breves, para manter o ritmo, guiando o telespectador através do retrato do nosso biografado.

8.2 A Mixagem

“Depois de alguns meses de edição, o material de som editado chega ao mixador, que é o profissional responsável por ajustar os níveis de intensidade, equalizar e especializar corretamente os sons para que estes se tornem integrados à imagem.” (Opolski 2013, 52)

O trabalho de mixagem foi uma novidade dentro da minha vida profissional. Uma oportunidade experimentar uma área onde tive pouca experiência prévia, ou seja, não havia realizado anteriormente a mixagem de um áudio para a exibição de um filme em uma sala de cinema.

Tive a oportunidade de participar do Segundo Encontro dos Profissionais de Som Do Cinema Brasileiro, na cidade de Conservatória no interior do estado do Rio de Janeiro. Lá tive o prazer de conhecer diversos profissionais de alto nível do cinema nacional. Graças ao aprendizado como jornalista, mantive contatos com a maioria deles, incluindo Kiko Ferraz de Porto Alegre, cuja empresa mixou e fez *foley* (ruídos de sala) para diversos filmes. Ao saber que

precisávamos mixar o filme para a abertura de um festival no Cine-Brasília, investiguei se eu conseguiria realizar esse desafio, fui atrás de bibliografia e liguei para esses colegas.

Adquiri dois monitores de som, de referência, aprendi a calibrá-los (agradeço muito ao Kiko Ferraz por me instruir por telefone), e arrisquei. Como tivemos o feliz contato direto com os organizadores do festival aqui de Brasília, pudemos ensaiar a projeção do filme na sala de exibição algumas vezes antes da abertura. Assim, pude averiguar o meu trabalho como mixador e corrigir as falhas que apareceram no processo, deixando para os espectadores um som adequado.

8.3 A Finalização

Outra parte que ficou à meu encargo foi a finalização artística. O montador havia somente proposto a estética, que em nossa opinião ficou excelente. Nesse processo fiz todos os letreiros, iniciais, bem como suas animações, corrigi os posicionamentos das fotos, enquadramento da moldura da TV, títulos iniciais e no fim a animação do gibí com os créditos finais. Lembro-me de pensar, durante esse trabalho, que ele não teria fim. A finalização artística de um filme é um trabalho imenso e artesanal.

Devo agradecer aos amigos Ig Uractan e Jefersson Silva, hábeis técnicos nessa área, pelos vários conselhos e dicas acerca do *software* (*Adobe After Effects*) e de animação.

8.4 A Distribuição.

Um ponto que ainda atravanca as produções locais é a distribuição. Nos ciclos profissionais de minha convivência, sabe-se muito pouco sobre essa atividade. Principalmente para curtas-metragens. Mesmo assim, suponho que é desejo de todo cineasta que seu filme seja visto pelo maior número possível de pessoas. O nosso não é diferente.

Tivemos uma excelente oportunidade de lançar o filme na abertura da terceira edição do Festival Curta-Brasília, que nessa edição homenageou o Andrade. E pretendemos inscrevê-lo em outros festivais. Após esse processo, os trabalhos serão a busca por espaços de exibição em televisões públicas e autoração de um DVD para divulgação do filme.

Mesmo tendo consciência de que o público alvo de festivais de cinema é restrito, espaços como as contrapartidas do Fundo de Apoio à Cultura são excelentes para a divulgação de um dos principais atores locais. Vejo nessa busca uma forma de fortalecer e valorizar o nosso trabalho e nossa arte. – cumprindo, inclusive, as metas do FAC.

9 Conclusão

O processo de realização do filme *A Louca História de Andrade Jr.* além de ter sido muito prazeroso me ensinou muito acerca da realização cinematográfica. É um projeto relativamente pequeno, despretensioso e com os pés no chão. Mas nem por isso deixou passar por todas as etapas que qualquer filme profissional passa. E como uma primeira experiência de direção de curta-metragem eu não poderia ter sido mais afortunado.

Durante todo o seu curso, o projeto pareceu ter sido apadrinhado pelas serendipides³⁰: a contemplação do financiamento, os carro do Andrade quebrar, assim como o relógio, o festival curta Brasília homenagear o Andrade nos garantindo o espaço do filme de abertura, além dos nossos votos para o porvir. Tudo isso deu-se somente pelo preparo adquirido anteriormente que nos possibilitou usufruir essas oportunidades.

A experiência da produção desse filme, cuja transcrição foi o objetivo deste trabalho, é um bom exemplo para os colegas cineastas em início de carreira que objetivem a busca pela profissionalização. O maior ensinamento que esta empreitada pôde me oferecer foi sem dúvida o absoluto respeito e busca por uma organização eficiente. Aprendizado este que acompanhará todos os projetos vindouros.

Após conclusão deste projeto inicia-se o próximo. Acredito que isso é um objetivo da Universidade de Brasília, onde tive a rara oportunidade de viver por vinte e cinco anos (sendo que seis deles matriculado no curso de Comunicação Social): possibilitar o aprendizado dos métodos, dos caminhos e principalmente do aprender dentro do campus para que fora dele se possa expandir o mundo. Nas relações íntimas entre as condições dos meios em que vivemos e as nossas ações transformando esse meio, existe um círculo virtuoso (busco sempre ser otimista).

De forma geral, no meu ver e na resposta do público que assistiu ao filme no festival, *A Louca História de Andrade Jr.* cumpriu o que propôs: conduzir o espectador pela aventura caótica da vida de um homem marcante.

³⁰ Segundo a Wikipédia: A palavra Serendipismo se origina da palavra inglesa Serendipity, criada pelo escritor britânico Horace em 1754, a partir do conto persa infantil Os três príncipes de Serendip. Esta história de Walpole conta as aventuras de três príncipes do Ceilão, actual Sri Lanka, que viviam fazendo descobertas inesperadas, cujos resultados eles não estavam procurando realmente. (disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Serendipidade> acessado em 29 de maio de 2015 às 15h30)

10 Bibliografia

- Comparato, Doc. *Roteiro: arte e técnica de escrever para cinema e televisão*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1983.
- Fernando de Azevedo, Et Allii. *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. São Paulo: Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações LTDA, 1981.
- Gerbase, Carlos. *Cinema: Primeiro filme: Descobrimo, Fazendo, Pensando*. Porto Alegre, RS: Artes e Ofícios, 2012.
- Holanda, Aurélio Buarque de. *Definição de "Demiurgo" no Novo Dicionário Aurélio - Século XXI - CD ROOM*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- Mckee, Robert. *Story: substância, estrutura, estilo e os princípios da escrita de roteiro*. Curitiba: Arte & Letra, 2006.
- Opolski, Débora. *Introdução Ao Desenho de Som: Uma Sistematização Aplicada na Análise do Longa-Metragem Ensaio Sobre a Cegueira*. João Pessoa: UFPB, 2013.
- Rabiger, Michael. *Directing the Documentary*. Burlington: Elsevier, 2009.
- Ramos, Fernão Pessoa. *Mas Afinal... O Que É Mesmo Documentário?* São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.
- Stanislavski, Constantin. *A Construção da Personagem*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- Vilas Boas, Sergio. *Biografismo: Reflexões Sobre as Escritas da Vida*. São Paulo: UNESP, 2008.
- Watts, Harris. *On Camera: O Curso de Produção de Filme e Vídeo da BBC*. São Paulo: Summus Editorial, 1990.

11 Anexos.

11.1 Anexo A – Argumento Do Projeto.

A louca história de Andrade Jr.

Argumento de Victor Pennington

Apresentação

Este é um argumento de orientação para a realização do filme “A louca história de Andrade Jr.” Contendo um roteiro de filmagem, questionários, materiais de pesquisa e lista de entrevistados já localizados.

1. Argumento e roteiro.

Esse documentário se presta a contar a história da vida de Andrade Júnior e suas peripécias. Foca na relação desse personagem com a história da cidade de Brasília. Baseado em depoimentos do próprio personagem e pessoas que conviveram com ele além de fotos da carreira e trechos de filmes ou peças teatrais filmadas que participou.

A narrativa se desenvolve em uma linha do tempo dividida em décadas à partir de 1959, quando Andrade chega em Brasília vindo do Ceará.

1959 – 1970

Andrade é um candango. Chegou do Ceará no Planalto-Central em primeiro de maio (dia do Trabalhador) de 1959 para terminar a construção de Brasília. Trabalhou inicialmente como comerciante e depois foi almoxarife na construção de blocos na Asa Sul.

Em 1963, quando estudava em sobradinho conviveu com Paulo-Freire. Ele era monitor do educador e auxiliava nas aulas para operários analfabetos acompanhando de perto a aplicação do método Paulo-Freire lecionando no famoso método junto com o educador. Até hoje Andrade é convidado no instituto de pedagogia da Universidade de Brasília para comentar sobre sua convivência com Paulo-Freire. Andrade nos conta essa trajetória na locação onde estudou em sobradinho e no colégio que lecionava com Paulo-Freire na Asa-Norte.

Nos dois anos seguintes (1964-1965), ele contará da sua primeira participação no Teatro. Como produtor da peça, acompanhava todos os ensaios e sabia todas as falas, no dia da apresentação o ator principal faltou e Andrade teve que substituir. Começava então a carreira de ator que dura até os dias atuais. Andrade também falará da época em que foi presidente do grêmio estudantil e que no golpe de 1964 foi confrontado

por um sargento do Exército Brasileiro, para saber se os estudantes estavam de greve.

Questionário para esta fase(1):

Ao Andrade Jr.

- a. Como foi chegar em Brasília vindo do Ceará?
- b. Você sentia algum preconceito por ser nordestino em Brasília?
- c. O que tinha e como era o ambiente aqui em Brasília?
- d. Como você se sustentava no início da sua moradia na cidade?
- e. O processo para sair da vila Almarí foi complicado? Era sabido que aquela região iria ser inundada?
- f. Chegando em Sobradinho você retornou aos estudos (na época o secundário) como se deu esse processo?
- g. Nessa época (início de 1960) você chegou a conhecer Paulo Freire. Como foi trabalhar com ele?
- h. Você assistiu aulas com o Educador? Como foi sua relação com ele e como ele aplicava o método?
- i. Você saberia aplicar o método hoje em uma sala de aula?
- j. Quando e como acabou a aplicação do método Paulo-Freire nas escolas?
- k. Após esse período, você se tornou presidente do Grêmio estudantil, porque?
- l. Qual foi e como foi a abordagem dos militares na época do golpe na escola cuja presidência do grêmio lhe pertencia?
- m. Como foi a sua inserção no teatro como ator?
- n. Você conseguiu cumprir bem sua primeira peça?
- o. Que outros fatos lhe marcaram nessa época?

1971-1980

Chega a época universitária de Andrade Júnior ele vai estudar na Universidade de Brasília. Na universidade ele conta como era estudar lá, o clima da ditadura, e sobre o seu laboratório de fotografia, onde revelava as fotos dos estudantes.

Neste momento cabem as entrevistas com Vladimir Carvalho, e Dimer Monteiro, comentando sobre o clima da época e como foi a suas convivências com Andrade Jr. Andando pelo campus da Universidade.

Nessa época, Andrade também conheceu e conviveu com o que viriam a se tornar as grandes bandas de Rock Brasiliense, Legião Urbana e Capital Inicial. Artistas como Dado Villa-lobos comumente iam à sua loja para revelar suas fotografias. Em um episódio especial evitou que jovens fossem presos, escondendo-os dentro de seu quiosque. Renato Russo, como Vladimir Carvalho conta, gostava de documentar a história do rock brasiliense e revelava suas fotos na loja do Andrade. Passou por diversos cursos superiores (geologia, Biologia, Letras) mas nunca se formou.

Questionário para essa fase (2):
ao Andrade Jr.

- a. Como foi estudar na Universidade de Brasília?
- b. Qual era o clima dentro da universidade e como era o coleguismo?
- c. Qual foi a relação que você teve com Vladimir Carvalho?
- d. Você chegou a conhecer membros das bandas de rock em Brasília?
- e. Quem de famoso você conversava?
- f. Como foi o dia em que você evitou que jovens fossem presos?
- g. Você tinha um comércio aberto na UnB, como foi o processo de abrir essa loja?
- h. Você passou por diversos cursos, porque nunca formou-se?

- i. Continuava no teatro? Como era sua experiência como ator?

Ao Vladimir Carvalho

- a. Como você conheceu Andrade Jr.?
- b. E como era/é sua relação com ele?
- c. O que você acha da atuação do Andrade?
- d. Você acha que o Andrade tem valor cultural em Brasília?
- e. Como é trabalhar com o Andrade Jr.?
- f. Como era a situação da UnB em 1970?

Ao Dimer Monteiro.

- a. Você dirigiu uma peça com o Andrade, como foi trabalhar com ele?
- b. Como você vê o trabalho de atuação do Andrade Jr.?
- c. Como é trabalhar com o Andrade?
- d. O Andrade tem valor cultural na Cidade?
- e. Como você conheceu o Andrade?
- f. Como era a situação da Universidade de Brasília na década de 1970?
- g. Você sabia que o Andrade não decora as falas? Era assim também, no início?

1981 – 1990

Conhecida como década perdida. Andrade não recorda acontecimentos marcantes. Como foi a situação para seu comércio diante da forte inflação e da situação econômica delicada do País?

A carreira de ator se acentua assim como os seus Hobbys de apostador. Atua em sete peças de teatro com seis diretores, e participa do longa-metragem premiado “césio 137” de Roberto Pires. Ajuda e participa da maioria dos curta-metragens dos estudantes e iniciantes da área.

Dúvidas pendentes da época?

Quais a participação ou impressão que se teve nos dois FLAAC's
É a década perdida? O que aconteceu de relevante nessa década?

Questionário para esta fase (3):

Ao Andrade Jr.

- a. Dizem que os anos oitenta são conhecidos como a década perdida. Você concorda?
- b. Você como comerciante, como foi passar essa época das fortes inflações?
- c. Você esteve presente nos festivais de artes da America latina?
- d. Como foi realizar essas sete peças de teatro, como você via sua própria carreira de ator?
- e. Você chegou a cogitar em ser um ator "galã"?
- f. Como era a sua situação da sua família, nessa época?
- g. Quando você começou ir ao Paraguai adquirir produtos para revenda?

1991 – 2012

O cinema entra de cabeça em sua vida. Andrade em um estúdio na movie center pode falar sobre os mais de 45 filmes que participou além dos vários comerciais e outros produtos. Sempre teve uma política de "topar tudo" graças a isso, muitos estudantes puderam contar com um ator muito experiente que conquistou o carinho de quem lida com cinema na cidade.

Quem fala sobre o apoio aos novos cineastas é Santiago Dellape, Érico Cazarré, e Faustón Silva. Cineastas novos de sucesso na cidade que contaram com o apoio do Andrade Jr.

Eles também podem falar sobre os causos e vícios de Andrade Jr. Ele não decora os textos que vai atuar, de forma que se o texto é muito longo, é exigida a produção de dalias (cartazes onde são escritas as falas) para a execução da cena.

Outra característica de Andrade interessante é a sua paixão por jogos de azar e loterias. Joga baralho às quinta-feiras. E vai frequentemente ao Paraguai para comprar produtos para re-venda no Brasil e jogar nos cassinos paraguaios. Sustenta-se por meio de seus comércios e seu trabalho de ator.

Questionário para esta fase (4).

Ao Andrade Jr.

- a. Você teve uma carreira considerável nessas últimas duas décadas. Você esperava trabalhar como ator tanto assim?
- b. O que você acha que te faz um ator muito querido e muito requisitado?
- c. Quais desses muitos trabalhos você gostou mais ou sentiu algo especial por eles?
- d. O que você acha do cinema de Brasília?
- e. O que você acha que poderia ser feito para melhorar o Cinema de Brasília?
- f. Quais as parcerias que você mais gostou?
- g. Qual foi a pior experiência que você passou no cinema ou no teatro?
- h. Você já tomou algum calote?
- i. Como funciona essa história de você topar fazer todos os filmes?
- j. Qual é a parte boa de atuar?
- k. Qual é a parte ruim, para você, de atuar?

Ao Santiago Delape e Faustón Silva

Perguntas:

- l. Como você conheceu o Andrade Jr.?
- m. Onde Andrade Jr. Trabalhou com vocês
- n. Porque você Escolheu o Andrade para trabalhar no seu filme?
- o. O que você acha da atuação do Andrade?
- p. Quais as características que você gosta no Andrade?
- q. O que você não gosta no Andrade?
- r. No cenário de Brasília, você acha Andrade importante? Porque?
- s. Você chamou o Andrade Jr. Para fazer outro projeto?
- t. Pretende convidá-lo novamente em projetos futuros?
- u. Que mensagem você gostaria de deixar para o Andrade?
- v. Alguma história curiosa envolvendo o Ator?

Ao diretor José Belmonte:

Perguntas:

- a. Como você conheceu o Andrade Jr.?
- b. Você gostou de trabalhar com ele?
- c. Cite pontos positivos do trabalho do Andrade.
- d. O que você acha da atuação do Andrade Jr.?
- e. Depois de "TP", você também trabalhou com ele em "Subterrâneos", convidaria-o novamente para outro filme?
- f. Como o Andrade é dentro do Set?
- g. É fácil trabalhar com o Andrade?
- h. Você lembra de algum fato engraçado que você tenha presenciado com o Andrade Jr.?

Curiosidades Fora de tempo

Andrade, traçando essa trajetória por Brasília, já foi judoca, fotógrafo, vendedor de pipoca, comerciante, e até candidato à deputado federal. Algumas características são de toda a sua vida, de forma que seus familiares relatam como é viver com o ator.

Andrade também possui vários hobbies na atualidade. Gosta de jogar baralho apostado com os amigos na Asa-sul, e de viajar ao Paraguai. Uns dizem que para trazer muamba. Outros dizem que é para jogar nos cassinos. Andrade fala disso.

Questionário para esta fase (5):

Perguntas à sua filha, Cássia Andrade.

- a. Como foi crescer vendo o seu pai como ator?
- b. Você já pensou em atuar também?
- c. O que você acha da atuação do seu pai?
- d. O Andrade é muito querido pelos cineastas da cidade. Porque você acha que isso acontece?
- e. Qual história das atuações do Andrade você acha mais divertida?
- f. Alguma peça ou filme favorito?
- g. Você assistiu todas as produções que ele participou?
- h. É verdade que ele é muambeiro?
- i. Ele gosta de jogos, e de baralho?

Perguntas à sua esposa.

- a. Como foi o processo do Andrade de se tornar ator?
- b. Como você conheceu o Andrade?
- c. O que você acha sobre a atuação dele?
- d. Você já assistiu todos os trabalhos dele?
- e. O trabalho de ator do Andrade já lhe trouxe algum incomodo?

2. Pesquisa e material de suporte.

Foi obtido, por meio de pesquisa, um coleção com milhares de fotos do curso da vida de Andrade jr. Fotos desde sua vida na vila Almarí (futuramente alagada para se tornar o lago Paranoá) e a maioria das peças em que atuou, no momento da atuação e nos bastidores. São quinze gigabytes de material fotográfico já digitalizado pronto para inserção no documentário.

Há também uma coleção fílmica, já adquirida pela pesquisa, com trinta e dois títulos de filmes, comerciais e peças teatrais gravadas, onde andrade tem participação como ator seus títulos:

A Terceira Margem do Rio,
As vidas vazias e as horas mortas,
Barrelas,
Celeste e Estrela
Césio 137,
Defunto Vivo,
Último Ato,
Estrada,
Julgamentos Históricos,
A dança da espera,
Estrela Guia, (novela)
Comercial da propaganda política, (horário político)
NDA, (comercial)
Performance, (teatro)
Condenados à liberdade,
Deus,
Louco por cinema,
Medo do escuro,
Nada Consta,
No coração dos deuses,

Luar do Sertão,
O coração denunciador,
O egresso,
O tronco,
Papa,
Plano nacional de qualificação, (comercial)
Ratão,
O sinistro,
O homem,
Sonho Dourado,
Um talento no Planalto Central, (reportagem)
Viagem-mania. (comercial)

3. Locações

As locações são divididas de acordo com cada fase das entrevistas realizadas com Andrade Jr. Dessa forma, anda-se historicamente junto com ele relatando os momentos da vida dele, nos mesmos lugares onde os fatos ocorreram anos passados.

Os outros personagens variam a locação conforme a disponibilidade e significado das locações para a história. Vladmir Carvalho dará sua entrevista na Universidade de Brasília.

Lago Paranoá – Andrade Fala do seu início em Brasília na vila Almarí que foi inundada para dar lugar ao lago Paranoá. Está locação pode ser representada pela terceira ponte ou por outro trecho da margem do lago.

Escola Classe de Sobradinho – Onde Andrade concluiu o que seria o Segundo Grau foi presidente do Grêmio estudantil na época da ditadura militar, há fotos antigas dele no colégio.

Escola na Asa Norte – Aonde Andrade lecionou junto com Paulo-Freire.

Universidade de Brasília – Onde Andrade abriu sua loja de fotografia, onde revelava filmes. Aqui Vladmir Carvalho também pode conversar sobre como conheceu Andrade e como foi filmar com ele.

Comercial da Asa Sul – Local onde Andrade encontra com os amigos para jogar Baralho apostado.

Estúdio de cinema – Universidade de Brasília.

Cruzeiro – Casa onde Andrade morou

Núcleo Bandeirante – Casa onde andrade morou.

Escritórios/produtoras dos entrevistados – Personagens já localizados mas que ainda não se tem um lugar determinado ainda para suas

entrevistas onde o local mais provável seja os próprios escritórios ou produtoras onde esses personagens trabalham: José Belmonte, René Sampaio, Fauston silva

11.2 Anexo B – Curriculum dos Diretores:

1

**CURRÍCULO
DE
ÉRICO CAZARRÉ**

DADOS PESSOAIS:

Nome completo: Érico Luís Cunha Cazarré
 Filiação: Lourenço Paulo da Silva Cazarré (jornalista), mãe Maria Luísa Cunha Cazarré.
 Local de Nascimento: Pelotas (Rio Grande do Sul)
 Data de Nascimento: 26 de dezembro de 1982
 Endereço: SHCGN 716, bloco I, casa 47
 CEP 70770-739
 Telefones: (061) 3273-9046; 8173-7262
 E-mail: ericolumio@yahoo.com.br

FORMAÇÃO ESCOLAR:

Curso Superior: Formado Bacharel em Comunicação Social – Audiovisual pela Universidade de Brasília-UnB em 2006.
 Formado Bacharel em Comunicação social – Jornalismo pela Universidade de Brasília-UnB em 2007.
Segundo Grau: Colégio Leonardo Da Vinci (1998/2000)
Primeiro Grau: Colégio Monteiro Lobato (maternal até 1ª.série - 1988 a 1990) ; Colégio Santa Dorotéia (1991 a 1996) e Colégio Leonardo da Vinci (1997)

Cursos na área Audiovisual

“A produção da notícia – 50 anos do Jornal Nacional”, com William Bonner e Ali Kamel.
 “Seminário de introdução à cinematografia” com Affonso Beato
 “Prática em cinematografia digital com câmeras DSLR” com Carlos Ebert
 “Workshop de interpretação com José Mojica Marins”
 “Oficina de direção” com José Eduardo Belmonte
 “O cinema morderno” ministrado por Sérgio Moriconi
 “Workshop de cinematografia digital 24P – hvx200-hpx500” José Augusto de Blasiis e Alziro Barbosa
 “Workshop de Direção de fotografia para HD” com o fotógrafo Alziro Barbosa

Cursos de Inglês: Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa: Diploma de Ciclo Básico (1992/1997); Diploma de Ciclo Avançado (1997/1999).
 University of Cambridge - aprovado com mérito no Key English Test (1997) e First Certificate In English (1998)
 Aspect International Language School (Sydney-Austrália) - 4 Week Advanced English Course (concluído em 14 de janeiro de 2000)

Experiência Profissional

2007/2012 – Diretor da Caza Filmes.
 2009/2010 – Produtor do Programa Cenas do Brasil Empresa Brasil de Comunicação, canal NBR
 2008/2009 – Repórter cinematográfico na Empresa Brasil de Comunicação, canal NBR – Cobertura oficial do poder executivo federal (Ministérios e Presidência da República)
 2006/2007 – Criador do conteúdo na UnBTV – exibido via cabo no canal 6 da NETBRASÍLIA. Atuação nas áreas de Direção, Direção de Fotografia, Edição, Operação de Câmera e Produção.
 2005/2006 – Estágio no CPCE – Centro do Produção Cultural e Educativa da UnB.
 2004 – Estágio na TV SENADO, na área de produção de programas especiais. Atuação nas áreas de Direção, Assistência de Direção, Produção, Redação e Edição.
 2003 – Estágio no Centro de Excelência em Turismo da UnB, no departamento de Marketing.

Cursos Ministrados por Érico Cazarré

Oficina de Direção de fotografia para cinema - Caixa Cultural - 2010

Curso básico de direção e fotografia - Sesc DF – 2011

FILMOGRAFIA:

O Muro (2012) – Produtor executivo e Diretor de Fotografia
 Ficção HD – 5 minutos – inédito
 Direção Murilo Seabra, Montagem Santiago Dellape. Com Hugo Rodas.

A Caroneira (2012) - Produtor executivo e Diretor de Fotografia

Ficção 15 minutos – Inédito
 Direção Otávio Chamorro

Jeitosinha (2012) – Produtor executivo
 Ficção longa-metragem – Em produção
 Direção Johil Carvalho e Sérgio Lacerda.

Submersa (2012) – Produtor executivo
 Ficção curta-metragem – em produção
 Direção Lara Campedelli

Mostra Internacional de Filmes Interativos (2011) – Produtor executivo
Mostra e filmes com duração de 2 semanas no CCB Brasília, com filmes do Brasil, Israel, Nova Zelândia, Inglaterra, EUA e Portugal.

A Arte de Andar pelas Ruas de Brasília (2011) – Produtor Executivo
Ficção. 15 minutos – HD
44º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro – Troféu Câmara Legislativa de melhor curta da cidade, 2º lugar (Out/2011)
5º For Rainbow, Festival de Cinema e Cultura da Diversidade Sexual, melhor curta (Nov/2011)
19º Mix Brasil, melhor direção de arte (Nov/2011)
Primeiro Plano Ano 10, melhor direção (Dez/2011)

Véi (2011) – Direção, Produção, fotografia e montagem.
Ficção. 48 min - HD

Expedição Abrolhos (2011) – Direção e Fotografia.
Documentário. 17 minutos - HD
Direção Érico Cazarré e Márcio Miranda
Arara de ouro no Tour filme Brazil 2010
Bronze Rooster no Art&Tur em Portugal.

Véi (2010), Direção e Fotografia. Vídeo, 45 minutos.
Filme que está sendo lançado no evento “Brasília outros 50”

Jardim Japonês (2009) – Direção, Produção e Fotografia.
Filmado em 16mm e finalizado em HD.
Ficção Horror. 4 minutos.

Brasil Monumental (2009) – Direção e Fotografia.
Documentário HD 23 min.

Macacos me mordam (2005), Direção. Filme 16 mm, 19 minutos.
– Prêmio de melhor filme 16mm no 38º Festival de Brasília do cinema Brasileiro
– Prêmio de Melhor Filme 16mm da Mostra Brasília do 38º Festival de Brasília do cinema Brasileiro.

A Gruta (2008), Diretor de fotografia e Produtor executivo. HDV, 40 minutos.
– Filme-jogo interativo. Lançado durante o 41º Festival de Brasília do cinema Brasileiro

Raul de Xangô (2008) Direção, Produção executiva e Fotografia. HDV, 17 minutos.
– Documentário lançado no 41º Festival de Brasília do cinema Brasileiro.

Meu mundo em perigo (2007), Produtor associado. Ficção, Drama, 35mm, 92 minutos de duração.

- Dirigido por José Eduardo Belmonte.
- Vencedor dos Prêmios de melhor ator e melhor ator coadjuvante no 40º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro.

As Fugitivas (2007), Produtor executivo e Fotógrafo. 35mm, 13 minutos.

Bem Vigiado (2007), Assistente de direção. 35mm, 14 minutos.

Olhos nos Olhos (2007) Direção de fotografia. 16mm, 7 minutos.

- Direção de Sergio Lacerda e Johil.
- Vencedor do troféu Câmara Legislativa 16mm no 40º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro.
- Captado em HDV e finalizado em DV e 16mm.

Amor Blatídeo (2007) Direção de Fotografia. 16mm, 13 minutos.

- Direção Ignácio Amaral. 13 min. 2007. Captado em HDV e finalizado em HDV e 16mm.

A Vingança da Bibliotecária (2005), Direção de Fotografia. 16mm, 5 minutos.

- Filme 16mm que estreou no 38º Festival de Brasília.
- 2º Melhor Curta no Festival universitário de Cinema e Vídeo de Curitiba 2006
- Prêmio Walter da Silveira no Festival imagem em 5 minutos 2005
- Melhor Curta 16mm no Mostra Taguatinga 2006
- Melhor Filme Experimental no Olhares - Festival de Cinema e Vídeo da Universidade Federal de Viçosa 2006
- Melhor vídeo no MOSTRA UNIVERSITÁRIA DE VÍDEO 2006

Maria Morango (2004), Roteiro e Direção. 16mm, 12 minutos.

- Filme curta-metragem 16mm que estreou no Festival de Brasília em 2004.

Papá (2004), Diretor de fotografia. 35mm, 20 minutos.

- Curta-metragem 35mm que estreou no Festival de Brasília em 2004.
- Premiado como melhor filme pelo Júri Popular do Festival Guarnicê em São Luís do Maranhão em 2005.

Ana Beatriz (2004), Direção e montagem. Vídeo, 5 minutos.

- Filme recomendado em “Os dez +” do “Caderno mais da FOLHA DE S.PAULO” em 2006.

Plano Seqüestro (2004), Fotografia e câmera. Vídeo, 13 minutos.

- Premiado na segunda MUVI Brasília em 2004 como melhor curta Júri Oficial e melhor curta Júri Popular.

Olimpianos (2004) Documentário. Direção de Fotografia e operação de Câmera. 20 minutos.

O elevador (2003), co-direção, fotografia e edição. 13 minutos

- O Curta venceu os seguintes prêmios na “III Amostra” dos alunos de cinema da UnB: Melhor filme, melhor edição e melhor ator.

O passeio noturno (2002), Direção. Vídeo, 10 minutos
 – Premiado na “I Amostra” de alunos de cinema da UnB.

Bagulho bom! (2002), Produção, direção e edição. 4 minutos.

Ritmo de Festa Documentário. Ano 2003, 14 minutos. Direção de equipe, e operação de câmera.

OUTROS VÍDEOS

Musica Negra Brasileira (2012) – Direção de fotografia.
 DVD Musical do artista Cipriano

Cobertura Audiovisual do Projeto Rondon (2007), Direção fotografia e edição.

Videoclipe da A arte e a Luta da banda Numato(2009), Direção Érico Cazarré e Márcio Miranda.

Videoclipe Frio Coração Quente da Banda Sapatos Bicolores (2006), Direção de Fotografia. Vídeo 4 minutos.

20 anos constituição cidadã – Videoaula produzida para o Sesc e Câmara dos deputados. (2008)

Vídeos Institucionais - Empresa de previdência complementar CERES (Embrapa e Epagri) (2005)

Video Registros de eventos no CCBB e Caixa Cultural

Programas de Televisão veiculados em cadeia nacional pela TV SENADO em 2004:

Conversa de Músico – Direção, assistência de direção e produção.

Senado Aprova – Redação, edição

É lei – Direção, redação e edição.

Clípe especial dos 180 do Congresso Nacional – Assistente de direção.

Programas de Televisão no UNBTV da NETBRASÍLIA UnBTV em 2006 e 2007.

Programa Contato – Direção, Produção, Edição e Apresentador/Entrevistador.

Lanterninha – Direção, Produção, Edição e Apresentador/Entrevistador

ROCK ao cair da Tarde – Produtor e Diretor de Fotografia.

Diálogos – DTV e Diretor de Fotografia.

Vinhetas – Roteirista, Diretor, Diretor de Fotografia e Editor.

Puxando Papo – Criador e Diretor de Fotografia.

Direito no meio da rua – Diretor de Fotografia

Informações Adicionais

Experiência com redação para mídias impressas.

Domínio de computação incluindo softwares gráficos, de edição de áudio e vídeo e autoração de DVD's.

Cobertura audiovisual de eventos Artísticos, Culturais e Esportivos. Entre estes estão o Projeto Rondon 2007, FINCA 2007, Shows de música, Apresentações de Dança, Espetáculos Teatrais, Corridas de aventura, Competições de Automodelismo e Triatlo.

Curriculum Vitae

Victor Augusto Nascimento Pennington

Dados principais

Endereço: Unb, Colina, Bloco "E" apartamento 208. Brasília-DF
fone - +55 61 9975 6738
Data de Nascimento: 02/11/1989
Identidade: 2593080- SSP/DF
e-mail: victorpennington@gmail.com

Escolaridade

Cursando o sétimo semestre de Bacharelado em Comunicação Social pela Universidade de Brasília com foco em Jornalismo.

Atividade Profissional

Jornalista - Repórter e Fotojornalista, nas áreas impressa e digital.
Técnico de Som direto para atividade áudio-visual.
Editor não linear de áudio-visual e rádio.
Rotacirista.
Fotógrafo.

Experiência Profissional

- Diretor de fotografia no filme "Trêsdiapé" de Ig Uractan em Setembro de 2012.
- Diretor, Editor e Fotógrafo do Videoclipe "Explosão da Rima" em Agosto de 2012.
- Diretor de fotografia no filme "Somos todos inocentes" de Pedro Beiler em Abril de 2012.
- Técnico de Som Direto do filme "A Caroneira" dirigido por Otavio Chamorro e Tiago Vaz em Fevereiro de 2012.
- Técnico de Som Direto do filme "Submersa" Dirigido por Isabela Lara. em Julho de 2012.
- Fotógrafo no 44º Festival de cinema brasileiro de Brasília, para a agência ObjetoSim em outubro de 2011.
- Repórter do Jornal laboratório "Campus" durante o segundo semestre de 2011.
- Repórter do Jornal laboratório "CampusOnline" durante o primeiro semestre de 2011.
- Editor, produtor e cinegrafista de áudio-visual no canal universitário UnBTV de maio de 2010 à julho de 2011.
- Técnico de Som do Filme curta-metragem "Egresso" dirigido por Fáuston Silva. Brasília, março de 2010.
- Técnico de Som do Filme "A menor distância entre dois pontos" dirigido por Breno Nina e Elias Guerra, Brasília abril de 2010.
- Editor não linear na produtora Pennington Produções Audiovisuais durante seis meses.
- Edição do vídeo de recepção aos calouros da UnB do segundo semestre de 2010, direção de Talita Maravieski, realização SECOM/UnBTV, SET/2010.
- Jurado do FECUCA - Festival de curtas dos calouros da Universidade de Brasília, produzido pela Pupila Audiovisual no 1º semestre de 2010
- Jurado do FECUCA - Festival de curtas dos calouros da Universidade de Brasília, produzido pela Pupila Audiovisual no 2º semestre de 2010

- Roterização, produção e edição de 9 programas de rádio para a rádio comunitária Utopia-FM de Planaltina em cumprimento ao prêmio Roquette Pinto em Setembro de 2010.
- Monitor de Matemática no Centro de Ensino Médio Asa Norte - CEAN no período letivo de 2007.
- Monitor da Disciplina de Fotojornalismo na Universidade de Brasília sob a supervisão da Professora Susana Dobal onde proveu aulas de edição não linear por quadro semestres.

Brasília, 15 de outubro de 2012.

11.3 Anexo C – Formulário de Inscrição do projeto.



GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL
Secretaria de Estado de Cultura
Fundo de Apoio à Cultura

**CRIAÇÃO E PRODUÇÃO**

Modalidade: __ Realização de curta metragem em 35mm e/ou DCP__

1. DADOS DO PROPONENTE

Nome Completo: Jorge Dalena Bastos Pennington
Nome Artístico: (caso exista). Jorge Pennington
Contatos Telefones: 06181057372 E-Mail: jorgedalena@gmail.com
Número do CEAC: 3539
Número do CPF/CNPJ: 69846227191
Região Administrativa de Residência do Proponente <input type="checkbox"/> Águas Claras <input checked="" type="checkbox"/> Brasília <input type="checkbox"/> Brazlândia <input type="checkbox"/> Candangolândia <input type="checkbox"/> Ceilândia <input type="checkbox"/> Cruzeiro <input type="checkbox"/> Estrutural <input type="checkbox"/> Gama <input type="checkbox"/> Guará <input type="checkbox"/> Itapoá <input type="checkbox"/> Lago Norte <input type="checkbox"/> Lago Sul <input type="checkbox"/> Módulo Bandeirante <input type="checkbox"/> Paranoá <input type="checkbox"/> Park Way <input type="checkbox"/> Planaltina <input type="checkbox"/> Recanto das Emas <input type="checkbox"/> Riacho Fundo I <input type="checkbox"/> Riacho Fundo II <input type="checkbox"/> Samambaia <input type="checkbox"/> Santa Maria <input type="checkbox"/> São Sebastião <input type="checkbox"/> SIA <input type="checkbox"/> Sobradinho I <input type="checkbox"/> Sobradinho II <input type="checkbox"/> Taguatinga <input type="checkbox"/> Varjão <input type="checkbox"/> Vicente Pires <input type="checkbox"/> Vila Planalto <input type="checkbox"/> Vila Telebrasil
Possui Registro Profissional? Quais? (Assinale se possui algum registro profissional e, em caso afirmativo, liste-os). Não
Área de atuação: (registrar área(s) que conste(m) atualmente no CEAC). <input type="checkbox"/> Literatura <input checked="" type="checkbox"/> Cinema <input type="checkbox"/> Circo <input type="checkbox"/> Teatro <input type="checkbox"/> Dança <input type="checkbox"/> Artes Visuais <input type="checkbox"/> Gestão, Pesquisa e Capacitação <input type="checkbox"/> Patrimônio Histórico <input type="checkbox"/> Produção Cultural <input type="checkbox"/> Cultura Popular <input type="checkbox"/> Música
• Há quanto tempo atua no campo da cultura? Jorge atua em cinema de 1994. Iniciou produzindo sua carreira produzindo Making of. Seguiu trabalhando em filmes em diversas funções como técnico de som microfonaista entre outras funções. Foi técnico de som em longas metragens, com destaque para o filme "No meio do Rio, entre as árvores" de Jorge Bodanzky.





GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL
Secretaria de Estado de Cultura
Fundo de Apoio à Cultura



2. PROJETO BÁSICO

<p>Título do Projeto: <i>(O título do projeto não precisa ser necessariamente o nome da obra)</i> A louca história de Andrade Jr.</p>
<p>Resumo: Elaboração de um filme curta-metragem de documentário de vinte minutos em formato de alta definição digital sobre Andrade Jr. Andrade é uma personalidade da cena artística Brasiliense. Andrade tem mais de 60 anos já foi ator de teatro, é figura sempre presente em muitos filmes Brasilienses, além de ter uma bela história de vida que se mistura com a própria história da cidade de Brasília</p>
<p>Objeto: O projeto tem como objetivo principal produzir um documentário divertido sobre a vida de Andrade Jr. Outro objetivo é contar a história das artes em Brasília através deste personagem, que viveu décadas em Brasília, atuando como ator em dezenas de peças e filmes.</p> <p><i>(Explique, em no máximo 5 linhas, que bens e/ou ações culturais constituem a principal proposta do projeto)</i></p>
<p>Justificativa: Andrade é uma personalidade das artes Brasilienses. Começou no teatro, atuando em dezenas de peças com grandes nomes como Hugo Rodas, Dimer Monteiro, Bidô Galvão, e Gê Martu. No cinema é figura sempre presente nos elencos. Já trabalhou com diretores de todas as gerações como Vladimir carvalho, Zé Eduardo Belmonte, René Sampaio, Santiago Dellape e Fáuston da Silva. Além disso Andrade viveu em Brasília por muitas décadas, foi presidente de Grêmio estudantil durante a ditadura, ajudou Renato Russo a fugir da polícia na Unb, foi educador ao lado de Paulo Freire, foi muambeiro do Paraguai nos tempos difíceis e à décadas é dono do Cinefoto da UnB entre outras aventuras.</p> <p>A justificativa principal deste projeto é contar a história desta grande personalidade local com humor e inteligência, relevando a própria história da cidade através dos causos contados por Andrade.</p> <p><i>(Apresente o motivo da realização deste projeto, sua importância e os benefícios)</i></p>
<p>Objetivos: <i>(Liste e quantifique os produtos, serviços e processos gerados a partir do projeto)</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • <u>Filme curta-metragem de documentário de 20(vinte) minutos</u> • <u>Contar a história do teatro e do cinema de Brasília através das loucas história da vida do ator Andrade Jr.</u> • <u>Preservação da memória ao contar a história desta grande personalidade Brasiliense.</u> •
<p>Metas, Resultados e Desdobramentos do Projeto:</p> <p>Espera-se do projeto a divulgação da biografia de um personagem que está muito</p>





GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL
Secretaria de Estado de Cultura
Fundo de Apoio à Cultura



presente no cenário audio-visual da cidade.
 A partir da realização de palestras espera-se a integração e melhor proatividade dos jovens do Distrito-Federal à cultura local. A biografia em questão visa também estimular o público a também ter um papel ativo na construção histórico-cultural da cidade como reflexo do personagem principal.

(Liste de maneira quantitativa e qualitativa os resultados a serem alcançados pelo projeto. Informe os impactos e desdobramentos econômicos, sociais e culturais alcançados a partir da execução da proposta.)

Quantas exibições serão realizadas? Qual a tiragem da obra? *(em caso de haver exibições e tiragem)*
 O filme será exibido em vários festivais e mostras de cinema. Além disso o projeto será exibido em sites especializados em curtas-metragens. O filme terá tiragem de 100 DVDs que serão distribuídos gratuitamente para acervos de escolas públicas locais, cinematecas, festivais, cineclubes e apoiadores.

Qual a estimativa de público? *(quantidade de pessoas esperada por meio das exibições)*
 A estimativa é exibir em cerca de 15 festivais de cinema e 5 mostras, com média de público de 200 pessoas, totalizando 4.000 espectadores. Além disso, o filme será exibido na internet, onde a expectativa é de 20.000 espectadores. Caso o filme consiga espaço de exibição em canais de TV especializados em curtas, a expectativa é de mais 60.000 espectadores.
 O filme tem potencial para atingir 84.000 espectadores no total.

Qual o perfil do público atendido? *(perfil socioeconômico, idade, entre outras características)*
 O filme é direcionado para pessoas de qualquer idade ou poder econômico. O filme desperta interesse no público com mais de 60 anos especialmente pela identificação com o personagem da mesma idade. Por ter uma linguagem leve e divertida também existe a expectativa de que o filme atraia o público jovem de 30 anos ou menos.

Onde e como será feito o lançamento da obra? *(em caso de haver lançamento)*
 O filme deve estrear no Festival de Brasília do cinema Brasileiro ou na Mostra Brasília.

Em caso de comercialização da obra produzida, qual o valor da venda? Ou gratuito? *(Em caso de um produto final ser gerado. Valor máxima: R\$ 20,00.)*
 Os DVDs serão gratuitos.

Informe em que cidade será produzido o projeto: *(escolha múltipla)*

<input type="checkbox"/> Águas Claras	<input checked="" type="checkbox"/> Brasília	<input type="checkbox"/> Brasília	<input type="checkbox"/> Candangolândia	<input type="checkbox"/> Ceilândia	<input type="checkbox"/> Cruzeiro
<input type="checkbox"/> Estrutural	<input type="checkbox"/> Gama	<input type="checkbox"/> Guará	<input type="checkbox"/> Itapoá	<input checked="" type="checkbox"/> Lago Norte	<input type="checkbox"/> Lago Sul
<input type="checkbox"/> Núcleo Bandeirante	<input type="checkbox"/> Paranoá	<input type="checkbox"/> Park Way	<input type="checkbox"/> Planaltina	<input type="checkbox"/> Recanto das Emas	<input type="checkbox"/> Riacho Fundo I
<input type="checkbox"/> Riacho Fundo II	<input type="checkbox"/> Samambaia	<input type="checkbox"/> Santa Maria	<input type="checkbox"/> São Sebastião	<input type="checkbox"/> SIA	<input type="checkbox"/> Sobradinho I
<input type="checkbox"/> Sobradinho II	<input type="checkbox"/> Taguatinga	<input type="checkbox"/> Varjão	<input type="checkbox"/> Vicente Pires	<input type="checkbox"/> Vila Planalto	<input type="checkbox"/> Vila Telebrasília

Informe em que cidade será realizado o projeto: *(escolha múltipla)*

<input type="checkbox"/> Águas Claras	<input checked="" type="checkbox"/> Brasília	<input type="checkbox"/> Brasília	<input type="checkbox"/> Candangolândia	<input type="checkbox"/> Ceilândia	<input checked="" type="checkbox"/> Cruzeiro
<input type="checkbox"/> Estrutural	<input type="checkbox"/> Gama	<input checked="" type="checkbox"/> Guará	<input type="checkbox"/> Itapoá	<input type="checkbox"/> Lago Norte	<input type="checkbox"/> Lago Sul





GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL
Secretaria de Estado de Cultura
Fundo de Apoio à Cultura



<input checked="" type="checkbox"/> Núcleo Bandeirante	<input type="checkbox"/> Paranoá	<input type="checkbox"/> Park Way	<input type="checkbox"/> Planaltina	<input type="checkbox"/> Recanto das Emas	<input type="checkbox"/> Riacho-Fundo I
<input type="checkbox"/> Riacho-Fundo II	<input type="checkbox"/> Samambaia	<input type="checkbox"/> Santa Maria	<input type="checkbox"/> São Sebastião	<input type="checkbox"/> SIA	<input checked="" type="checkbox"/> Sobradinho I
<input type="checkbox"/> Sobradinho II	<input type="checkbox"/> Taguatinga	<input type="checkbox"/> Varjão	<input type="checkbox"/> Vicente Pires	<input type="checkbox"/> Vila Planalto	<input type="checkbox"/> Vila Telebrasil

Contrapartidas: *(Descreva pelo menos duas contrapartidas e indique seus respectivos valores. O valor total das contrapartidas deverá ser indicado na planilha orçamentária. As despesas com a execução da contrapartida correrão às expensas do beneficiário do projeto contemplado.)*

Contrapartida 1

Detalhamento: Mostra de curtas Brasileiras em três cidades satélites.

Metodologia (em caso de oficina):

Valoração: R\$6.001,00

Forma de Comprovação: Fotos, vídeos, peças de divulgação e documentos comprobatórios dos locais.

Contrapartida 2

Detalhamento: Oficina de cinema em uma escola pública

Metodologia (em caso de oficina): Oficina de cinema com 16hs de aula.

A oficina terá quatro aulas de quatro horas. O primeiro encontro será teórico, com explicações sobre linguagem audiovisual, história do cinema e conceitos básicos de filmagem. Nesse primeiro encontro a turma selecionará um roteiro para ser filmado. A segunda e a terceira aulas serão práticas. Nesses dois dias os alunos vão ter a disposição câmeras, microfones e um kit básico de luz. A atividade será supervisionada por profissionais que participaram da produção do documentário proposto. A última aula também será prática mas sobre finalização. Nessa aula os alunos vão ter oportunidade de editar o material filmado e poderão aprender a editar um vídeo,

Valoração: R\$6.000,00

Forma de Comprovação: Fotos, lista de presença e DVD com o vídeo produzido na oficina.

Ficha Técnica: *(Apresente e descreva as funções dos agentes que atuarão no projeto em caso de contemplação de acordo com o apresentado na planilha orçamentária. Faz-se necessário anexar ao projeto os currículos dos agentes abaixo descritos.)*

Proponente: Jorge Pennington

Função(es) - de acordo com a planilha orçamentária: Técnico de som

Agente 1: Victor Pennington





GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL
Secretaria de Estado de Cultura
Fundo de Apoio à Cultura



<p>Função(es) - de acordo com a planilha orçamentária: Diretor</p> <p>Agente 2: Érico Cazarre</p> <p>Função(es) - de acordo com a planilha orçamentária: Produtor executivo</p>
<p>O projeto receberá recursos financeiros de outras fontes?</p> <p>(X) Não () Sim. Quanto? R\$ _____</p> <p>Se sim, cite as fontes/estratégias de captação.</p>

